

A RESPOSTA DO "PRAVDA" À ENTREVISTA DE MORRISON (LEIA NA 2.ª PÁGINA)

VOZ OPERÁRIA

A URSS PROPÕE A CONCLUSÃO DE UM PACTO DOS CINCO

Comentário Nacional

LUTA DE FRENTE ÚNICA

DURANTE as comemorações do primeiro aniversário do Manifesto de Agosto, os comunistas, e não só eles, mas todos os militantes operários, todos os que lutam pela paz e a independência nacional, receberam nova e valiosa ajuda de Prestes para levarem à prática a orientação do Manifesto e as Resoluções de Fevereiro e Junho do Comitê Nacional.

Em dois artigos magistrais — «Convicção, entusiasmo, audácia e iniciativa, fatores decisivos em nossa luta pela paz e a independência nacional» e «Estudar e aplicar as resoluções de Fevereiro do Comitê Nacional para entrarmos no bom caminho da construção do Partido» — ambos publicados por VOZ OPERÁRIA, Prestes nos lembra as resoluções dos dois últimos plenos do Comitê Nacional, ressalta sua justiça e nos traz novas indicações para aplicá-las.

O problema central para cumprirmos com êxito a tarefa histórica de libertar nosso povo dos grilhões do imperialismo, da opressão e da miséria em que vive e para darmos uma decisiva contribuição à causa da paz mundial — retembra o Cavaleiro da Esperança — está na capacidade que tivermos de impulsionar a construção de nosso Partido. Só o Partido da classe operária, política, orgânica e ideologicamente forte, pode unir as poderosas forças da paz e do progresso em nosso país para barrar a marcha das classes dominantes no caminho do crime pelo qual se atiram e para solucionar efetivamente os inadiáveis problemas do povo.

A traição aberta e descarada dos grandes fazendeiros e grandes capitalistas aos interesses nacionais é positivada a cada momento no caminho que seguem os seus governantes — seja Dutra, Getúlio ou outro qualquer. Diante da pressão imperialista no país, os setores das camadas médias demonstram por outro lado, que somente sob a direção da classe operária, quando seguem o caminho da classe operária, podem apresentar uma resistência positiva aos violadores da soberania nacional e opressores do povo. Fora deste caminho, só encontram o da capitulação vergonhosa, o da passagem, com armas e bagagem, para o campo dos piores inimigos do nosso povo, como sucedeu com a maioria dos antigos «tenentes», desde os Eduardo Gomes, Juarez e Cordeiro de Farias até os Estillac Leal, bagageiros de Truman e dos generais do dólar. A posição dos homens e dos partidos nos acontecimentos que se desenvolvem no país torna claro que, nos dias de hoje, nosso povo não poderá dar um passo sequer no caminho de sua libertação nacional e social sem a direção da classe operária conduzida por sua vanguarda — o Partido Comunista, orgânica, política e ideologicamente forte.

Mas o Partido só se fortalece na prática diária da luta de classes, na luta diária no seio das massas. Ao lado do estudo da teoria e das discussões dos problemas políticos concretos que têm de enfrentar em cada setor de atividade, os comunistas, para fortalecer o Partido, têm que mergulhar profundamente na vida cotidiana das massas para levantar suas reivindicações, esclarecê-las politicamente e organizar suas lutas. A verdade é que, não obstante os progressos que temos feito neste sentido, ainda é muito pequeno o número das iniciativas dos comunistas no trabalho junto às massas. Naquela fase de expectativa e revolta geral, que antecedeu à resposta do Conselho de Segurança

(Conclui na pág. Central)



Íntegra da mensagem do Presidente Shvérnik a Truman e da Resolução do Presidium do Soviet Supremo exprimindo o sentimento da Paz dos povos da URSS, denunciando medidas hostis do governo americano às relações normais entre os dois países e propondo a conclusão de um pacto de paz entre as cinco grandes potências

NO DIA 7 de julho, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS recebeu uma nota do embaixador dos Estados Unidos, almirante Kirk, pedindo fosse entregue ao Presidente do Soviet Supremo da URSS, N. Shvérnik, uma mensagem do sr. Truman, Presidente dos Estados Unidos, e uma resolução do Congresso dos Estados Unidos. Em 6 de agosto, o Presidium do Soviet Supremo da URSS aprovou uma resolução que o embaixador da URSS em Washington, juntamente com a mensagem de resposta do Presidente do Presidium do Soviet Supremo da URSS, enviou no mesmo dia ao Departamento de Estado norte-americano. Ambas eram dirigidas ao Presidente dos Es-

tados Unidos e o embaixador da URSS em Washington pediu fossem entregues ao destinatário.

São estes documentos, a resposta do Presidente do Presidium do Soviet Supremo, N. Shvérnik, e a resolução de 6 de agosto do Presidium do Soviet Supremo da URSS, que abaixo publicamos na íntegra: «Excelência. Tenho a honra de acusar o recebimento de sua mensagem de 7 de julho de 1951, bem como a resolução do Congresso dos Estados Unidos, e de lhe enviar a resolução do Presidium do Soviet Supremo da URSS.

Esta resolução expressa o sincero sentimento de amizade dos povos da URSS aos povos do mundo inteiro. Ela salienta que o povo soviético é unânime na sua aspiração de estabelecer uma paz sólida e eliminar o perigo de uma nova guerra. O povo soviético não tem fundamento para duvidar de que o povo americano tampouco quer guerra. Porém o povo soviético sabe perfeitamente que em certos Estados existem forças que visam desencadear uma nova guerra mundial na qual determinados círculos vêem uma fonte de enriquecimento.

Os povos da URSS consideram que não haverá guerra se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e a defenderem até o fim, desmascarando os manejos das forças que estão interessadas na guerra e que visam arrastar os povos a uma nova guerra.

Compartilho da sua opinião de que nos corações da maioria das pessoas existe a aspiração à paz e à fraternidade. Por isso, os governos que não em palavras mas em fatos aspiram à manutenção da paz, devem estimular por todos os meios os desejos de paz de seus povos. O governo soviético contribui por todos os modos para a unificação dos esforços dos soviéticos que lutam pela paz com os esforços dos povos de outros países. Ele acolhe hospitaleiramente os enviados da paz de qualquer país e coopera por todos os modos para as boas relações dos soviéticos com os povos de outros países, não colocando barreira alguma nesse caminho.

É indubitável que a aproximação entre os povos de que

(Conclui na pág. 11)

SOLIDARIEDADE AO POVO ESPANHOL

LUIZ CARLOS PRESTES

NA GRANDE batalha que se trava no mundo inteiro entre as forças da paz e as forças da guerra acaba de aparecer novamente em primeira linha a gloriosa bandeira da República Espanhola que se ergue bem alto sobre o terror e a desolação de 12 anos de dor e sofrimento, de miséria e morte, mas de luta também.

O povo espanhol, que jamais deixou de lutar contra a tirania, despedaçada a cortina de ferro com que a imprensa a serviço do imperialismo durante esses 12 anos procurou ocultar sua heroica resistência ao regime franquista, e reaparece diante de todos os povos na sua indomável bravura, como o mesmo lutador de... 1936-39, das epopéias da defesa de Madrid, dos combates do Ebro e de Guadalajara. É o combatente experimentado contra o terror fascista que marcha agora braço a braço com todos os povos que tomam em suas mãos a causa da paz e se mostram dispostos a defendê-la até o fim.

É compreensível por isso o entusiasmo que causa aos trabalhadores e aos homens livres de todo o mundo, e todos os que lutam pela paz, o recente e grandioso movimento de protesto dos trabalhadores espanhóis contra a

política de guerra e fome do regime franquista — luta em que ninguém pode deixar de ver uma admirável manifestação de vitalidade e de bravura, de capacidade

de sacrifício sem limites, de unidade e organização, de amor à Paz e à liberdade, de ódio à guerra e à opressão.

(Conclui na pág 9)



A Resposta do "Pravda" às Declarações de Morrison

Política Mundial A Proposta de Chvérnik Por Um Pacto de Paz

EM JULHO último, Truman enviou ao Presidente do Presidium do Soviet Supremo da URSS, Nicolái Chvérnik, uma mensagem, repassada de hipocrisia, na qual o Congresso dos Estados Unidos — esse mesmo Congresso que vota diariamente somas fabulosas para gastos militares — falava nos desejos de paz dos Estados Unidos em relação ao povo soviético, ao mesmo tempo que hostilizava o governo da União Soviética.

Essa mensagem acaba de ser respondida por Chvérnik. Na sua resposta, o presidente do Presidium do mais alto órgão de governo da URSS — o parlamento supremo do povo soviético — põe à prova a sinceridade da mensagem do Congresso dos Estados Unidos. Faz uma proposta concreta que se resume no seguinte: A União Soviética está disposta a assinar um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências — Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra, França e República Popular da China — visando a realização de uma política de prevenção de nova guerra mundial, a liquidação da corrida armamentista e a proibição do emprego das armas atômicas, com o estabelecimento de um sistema de inspeção internacional.

«Isto é propaganda» — gritam os escribas assalariados e os próprios diplomatas de campo imperialista, repetindo o argumento primário que utilizam em tais circunstâncias.

Esquecem que partiu do delegado soviético Jacob Málik a sugestão para o entabulamento de conversações pela solução pacífica do conflito na Coreia, as quais só são entravadas pelo desejo dos imperialistas de continuarem e ampliarem a guerra. Foi também por iniciativa da URSS que se resolveu pacificamente o problema de Berlim, num dos momentos mais agudos da situação internacional, quando a guerra parecia iminente no coração da Europa.

Então, por que não devem realizar-se entendimentos sobre as demais questões em debate, para as quais os imperialistas só vêem uma solução — a guerra?

Outro argumento dos inimigos da paz é que o Pacto das 5 grandes potências é desnecessário, uma vez que existe a ONU. Falso argumento. A ONU tem se revelado um simples instrumento da política imperialista norte-americana e inglesa, sobretudo a partir de 1949. Violando a Carta da ONU, os Estados Unidos impuseram sua brutal e criminosa intervenção armada na Coreia. Passando por cima da ONU os imperialistas firmaram o Tratado do Rio de Janeiro e o Pacto agressivo do Atlântico Norte, e hoje rearmam a Alemanha ocidental e o Japão, quando se sabe que o rearmamento da Alemanha significa a guerra e o do Japão é uma ameaça aos povos da Ásia.

Que resta, para salvar a paz mundial, senão o entendimento direto das 5 grandes potências para a assinatura de um Pacto de Paz entre elas?

É a solução que os povos exigem hoje num vasto movimento que já abrange mais de 400 milhões de pessoas em todos os países e que só os imperialistas norte-americanos podem ignorar, porque sonham com a guerra para sair das suas dificuldades e se livrar da crise da economia capitalista, que ameaça explodir e arrastar o imperialismo à catástrofe. Mas a proposta de Chvérnik encontra o mais profundo eco no coração das massas de todos os povos, que intensificarão sua luta em favor de um Pacto de Paz, contra a guerra de Truman e seus cúmplices.

A ENTREVISTA DE MORRISON

A entrevista do Ministro do Exterior da Grã Bretanha, Herbert Morrison, ao jornal soviético «Pravda» encheu de vergo-

VOZ OPERÁRIA

Director Responsavel

JOÃO BATISTA
de LIMA E SILVA

Matriz: Av. Rio Branco, 287
17.º andar — Sala 1713

SUCURSAS

SAO PAULO — Rua dos Educandos, 84 — sala 29; PORTO ALEGRE — Rua Riachuelo, 889 — Baixos; RECIFE — Rua da Palma, 295 — Sala 205 — Edif. Suel; SALVADOR — Rua Padre Agostinho Gomes, 7 — 1.º andar — Sala 2; FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 1248, Sala 2; RIO DE JANEIRO — Rua Alva Jardim — 589.

Annual 60,00
Semestral 30,00
Trimestral 15,00
Número Avulso 1,00
Número Atrassado 1,50

ESTE SEMANARIO É REIMPRESSO EM SAO PAULO — RECIFE — PORTO ALEGRE — FORTALEZA E JOAO PESSOA

Há algum tempo o ministro do exterior da Inglaterra, Morrison, lançou um desafio à imprensa soviética para que publicasse uma entrevista sua com o mesmo destaque que dá às entrevistas do generalíssimo Stalin. Imediatamente o PRAVDA, o jornal de maior circulação na URSS e órgão central do Partido Bolchevique aceitou o desafio do ministro de Atlee, contanto que em contrapartida, os jornais da Inglaterra publicassem na íntegra a resposta que lhe daria a redação do PRAVDA.

A entrevista de Morrison, que PRAVDA estampou em todo o destaque na primeira página, conforme se comprometera, não fez mais do que repletar a velha tecla de propaganda hitlerista, hoje continuada pelos traficantes de guerra anglo-americanos, contra a União Soviética. A resposta do PRAVDA, cujo texto integral damos em seguida, não somente destrói cada uma das inverdades de Morrison, mas levanta uma série de perguntas sobre as quais os traficantes de guerra e seus canais trabalhistas da Inglaterra preferiam silenciar.

NA SUA DECLARAÇÃO, MORRISON

focaliza dois grupos de problemas: da política interna e externa de seu país. 1.º) POLITICA INTERNA — Morrison afirmou que na URSS não existe liberdade de palavra, de imprensa e individual. Morrison enganava-se profundamente. Em nenhum outro país existe tanta liberdade de palavra, de imprensa e de organização para os operários, os camponeses e os intelectuais como na URSS. Em nenhum outro país existem tantos clubes operários e camponeses como na URSS. Em nenhuma outra parte do mundo o nível de organização da classe operária atinge um grau tão elevado como na URSS. Não é segredo para ninguém que toda a classe operária, todos os operários da URSS, literalmente estão organizados nos sindicatos do mesmo modo que os camponeses estão organizados em suas cooperativas. Acaso Morrison não sabe disto? Certamente não. Todavia parece que ele não quer saber disto, prefere ir buscar material nas lamentações dos representantes dos capitalistas e fazendeiros russos expulsos da URSS pela vontade do povo.

SO' NÃO HA' LIBERDADE PARA OS EXPLORADORES DO POVO

Na URSS, não existe liberdade de palavra, de imprensa e de organização é para os inimigos do povo, para os fazendeiros e capitalistas derrubados pelos cidadãos soviéticos. Tampouco existe liberdade para os ladrões incorrigíveis, para os sabotadores, para os assassinos e agentes enviados pela espionagem estrangeira, para aqueles criminosos que atentaram contra a vida de Lenin, que assassinaram Voledar e Kirov, que envenenaram Máximo Gorlky e Kuhlisshev. Para todos os criminosos para os terroristas, para os ladrões, assassinos e sabotadores que visam a restaurar o capitalismo na U.R.S.S., que visam restaurar a exploração do homem pelo homem e enparar o país do sangue dos operários e camponeses, para todos esses senhores existem os carcereiros e os cam-

pos de trabalho. Só para eles. Acaso é por isso que o sr. Morrison diz que na URSS se impede a liberdade de palavra, de imprensa e individual? Acaso o sr. Morrison pensa que o povo da URSS está de acordo em dar a esses senhores liberdade de palavra, de imprensa ou de «personalidades», quer dizer, a liberdade de explorar os trabalhadores?

Morrison silencia sobre as outras liberdades que têm significação mais profunda que a liberdade de palavra, de imprensa, etc. Ele nada diz acerca da liberdade do povo para se livrar da exploração, da liberdade para se libertar da crise econômica, para lutar contra o desemprego e a pobreza. Acaso desconhece o sr. Morrison que essas liberdades existem há muito tempo na URSS? Ora, são precisamente essas liberdades que representam a base das demais liberdades. Não será por acaso que por timidez que Morrison silencia sobre essas liberdades fundamentais que, lamentavelmente, não existem na Inglaterra? Os operários ingleses continuam ainda sob o jugo da exploração dos capitalistas, apesar de o Partido Trabalhista se encontrar há seis anos no Poder na Inglaterra.

O QUE É O GOVERNO TRABALHISTA DA INGLATERRA

Morrison afirma que o governo trabalhista inglês é um governo «socialista», que as emissões de rádio organizadas sob controle desse governo não devem ser impedidas por parte dos soviéticos. Lamentavelmente não podemos estar de acordo com Morrison. Logo após o advento dos trabalhistas ao Poder podia-se esperar que o governo trabalhista enveredaria pelo caminho do socialismo. Entretanto, constatou-se pouco depois que o governo trabalhista pouco se diferencia de qualquer governo burguês, que faz todos os esforços para manter o regime capitalista e assegurar grandes lucros aos capitalistas. Hoje, na Inglaterra, os lucros dos capitalistas aumentam de ano para ano, enquanto os salários dos operários são congelados. Ao mesmo tempo, o governo trabalhista defende por todos os modos esse regime anti-operário de exploração, indo até às perseguições e detenções dos operários. Acaso pode semelhante governo denominar-se socialista?

Podia-se pensar que, com o advento dos trabalhistas ao Poder seria liquidada a exploração capitalista, seriam adotadas medidas para a redução sistemática dos preços de amplo consumo, para melhorar radicalmente a situação material dos trabalhadores. Em lugar disto, na Inglaterra o que se observa é o aumento dos lucros dos capitalistas, o congelamento dos salários dos operários, a elevação dos preços dos artigos de amplo consumo, etc. Não podemos denominar tal política de socialista.

Quanto às transmissões de programa de rádio na Inglaterra para a URSS, estas se destinam a estimular os inimigos do povo soviético no sentido de levá-los a restaurar o regime de exploração. É compreensível que os cidadãos soviéticos não queiram suportar semelhante propaganda anti-povo. Além disto, constitui interferência nos assuntos internos da URSS.

O PODER SOVIETICO E O GOVERNO DO POVO

Morrison afirma que o poder na URSS é um Poder monopolistas, representa o Poder de um só Partido — o Partido Comunista. A pensar assim, pode-se chegar à conclusão de que o governo trabalhista é também um governo monopolista pois ele representa o Poder de um Partido — o Partido Trabalhista. Entretanto, a questão não consiste nisso. A questão consiste em que os comunistas na URSS não atuam isoladamente mas em bloco com os sem partido. Segundo o desenvolvimento histórico, o Partido Comunista acabou sendo o único partido anti-capitalista e popular. No decurso dos últimos 50 anos os povos da URSS examinaram na prática os partidos principais que existiam na URSS: o Partido dos fazendeiros — as Centúrias Negras; o Partido dos capitalistas — os cadetes; o Partido dos mencheviques — os socialistas de direita; o Partido social-revolucionário, defensor dos kulaks, e o Partido Comunista. No desenrolar dos acontecimentos revolucionários na URSS os povos de nosso país lançaram porta afora todos os partidos burgueses e optaram pelo Partido Comunista, considerando-o o único partido anti-fundamentalista e anti-capitalista. Este é um fato histórico. Compreende-se, pois, que os povos da URSS escolheram como seu dirigente o Partido Comunista, provado nos combates. O que pode Morrison opôr a esse fato histórico? Não considera o sr. Morrison absurdo pretender agora fazer voltar atrás a roda da história e reviver esses partidos mortos há tanto tempo?

INIMIGO DA PAZ O GOVERNO BRITANICO

2.º — POLITICA EXTERNA O sr. Morrison afirma que o governo trabalhista se manifesta pela manutenção da paz e que ele em nada ameaça a URSS; que o Pacto do Atlântico não é agressivo e sim defensivo; que a Inglaterra entrou pelo caminho da corrida aos armamentos como sucede agora porque se viu obrigada a isso, pois, após a segunda guerra mundial, a URSS reforçou seu exército incessantemente. Em todas essas afirmações não há um mínimo de verdade. Se o governo trabalhista se mantem efetivamente em favor da paz, por que rejeita a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências? Por que se manifesta contra a redução dos armamentos de todas as grandes potências? Por que se manifesta contra a proibição da arma atômica? Por que persegue as pessoas que defendem a manutenção da paz? Por que não proibe a propaganda de guerra na Grã Bretanha?

Morrison deseja que se acredite em suas palavras. Ora, os cidadãos soviéticos não podem acreditar nas palavras de quem quer que seja. Os cidadãos soviéticos exigem fatos e não declarações.

AS FORÇAS ARMADAS DA URSS

As afirmações de Morrison de que a URSS, depois da segunda guerra mundial, desmobilizou insuficiente-

nos 4 cantos do mundo

UNIAO SOVIETICA

Convocada pelo Conselho Mundial da Paz, deverá reunir-se até o fim do ano, em Moscou, uma Conferência Econômica Internacional, com a presença de homens de negócios, comerciantes, industriais, engenheiros, cientistas, técnicos diversos, etc., interessados em assegurar o intercâmbio e a convivência pacífica entre as nações.

CHINA POPULAR

O povo chinês comemorou festivamente o 24.º aniversário de criação do Exército Popular Libertador, que libertou e país dos imperialistas nipo-anglo-americanos e seus agentes nacionais.

INDIA

Dois navios soviéticos, o «Mitsurina» e o «Netuno», chegaram ao porto de Calcutá com carregamentos de trigo para minorar as terríveis privações que está atravessando o povo daquele país.

ALEMANHA ORIENTAL

A Federação Democrática Internacional de Mulheres enviou uma carta à Assembleia Geral da ONU insistindo para que seja submetida a discussão o relatório da comissão especial da FIDM sobre os crimes praticados na Coreia pelos soldados alemães.

EGITO

O Ministro das Relações Exteriores, Bey Salah El Din, falando na Câmara dos Deputados, no Cairo, declarou que o Egito não acompanhará a Inglaterra em suas aventuras guerrilhas e que o governo apresentará brevemente um projeto de lei revogando o tratado Anglo-Egípcio de 1936. Ficará portanto revogado o dispositivo que permite a permanência de tropas inglesas no Canal de Suez. Tais declarações foram recebidas sob entusiásticos aplausos do povo.

IRA

Realizou-se em Teerã um grande comício, promovido pela Associação dos Jornalistas Democráticos, contra a posição de tração do governo de Mossadegh, que entrou em negociações com o traficante de guerra Harriman para a formação de uma empresa de economia mista para a exploração do petróleo, com capitais americanos, ingleses e iranianos, sob o controle dos ianques. Ao mesmo tempo, Abadan, o grande centro petrolífero, encontra-se em pé de guerra, para garantir a inspeção das refinarias da Anglo-Iranian por Harriman e Stokes, o delegado inglês.

ITALIA

Falando no Parlamento declarou o senador Francisco Nitti: «Estou convencido de que a União Soviética não deseja a guerra. O governo italiano está realizando uma campanha nociva aos interesses do país e da paz geral, ao procurar demonstrar que os russos são nossos inimigos. Essa propaganda está sendo em perigo a paz. Os russos não desejam a guerra e não farão coisa alguma para que interrompa o conflito».

Arma Decisiva na Luta Contra a Ditadura de Vargas

ISAAC AKCELRUD

O perigo imediato de envio de soldados brasileiros para a Coréia ou qualquer outro foco de guerra atado pelos americanos, o peso esmagador da carestia decorrente dos preparativos de guerra e do atraso crônico do país, o avassalamento político, econômico e militar de nossa pátria ao imperialismo yanque, tudo isso que vai despertando a consciência e a indignação de nosso povo, torna o Manifesto de Agosto cada vez mais compreensível às grandes massas.

Quando surgiu o Manifesto, há um ano atrás, ainda havia setores populares que acreditavam que o latifundiário Vargas constituiria um caso à parte entre os políticos das classes dominantes, apresentando-o como um «hábil manobrista capaz de enganar os americanos», de seguir outro caminho diferente do denunciado no Manifesto de Agosto como o de todos os governos das grandes fazendeiros e dos grandes capitalistas. Hoje, com os próprios acontecimentos que se processam nesta segunda ditadura de Vargas, milhões de pessoas simples de nosso povo já podem compreender seu verdadeiro caráter, à luz do dilema exposto magistralmente no Manifesto de Agosto: «A paz ou a guerra, a independência ou a colonização total, a liberdade ou o terror fascista, o progresso ou a miséria para as grandes massas trabalhadoras. Ou o povo toma os destinos da nação em suas próprias mãos para resolver de maneira prática e decisiva seus problemas fundamentais ou submete-se à reação fascista, à crescente dominação do imperialismo yanque, à ignomínia da pior escravidão, que o levará à mais infame de todas as guerras.

Paz ou guerra? Vargas foi mais longe ainda do que Dutra na sua política de guerra. Foi além dos tratados do Rio de Janeiro e de Bogotá, apoiando na Conferência dos Chanceleres a formação do «exército continental» sob o comando yanque, comprometendo-se a fornecer carne de canhão para a agressão da camarilha de Truman à Coréia ou a qualquer povo livre, na Europa ou na Ásia. A viagem do general fascista Gois Monteiro a Washington está ligada ostensivamente às medidas práticas para a execução desse crime. Os chefes militares yanques receberam no com uma declaração pública, afirmando que são eles quem decidem, pois «os países latino-americanos são parte integrante da segurança dos Estados Unidos».

A resposta do Conselho de Segurança Nacional à ONU tenta enganar nosso povo, mas concorda claramente em enviar tropas brasileiras para a guerra no exterior. O país afunda na corrida armamentista e aumenta o controle dos generais ameri-

canos sobre nossas forças armadas, com o exemplo a ordem do general Webster ao ministro Nero Moura, determinando a obediência aos regulamentos yanques na FAB. Independência ou colonização total?

Vargas leva a traição nacional às últimas consequências. Seu ministro do exterior, o criado da Standard Oil, João Neves, ao instalar a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, que é dirigida pelo representante de Wall Street, Mervin Bohan, declara clinicamente que, pela primeira vez, essa comissão terá «funções executivas», isto é, de governo. Assim, temos agora um americano investido das funções de ditador da economia nacional, com a missão de transformá-la totalmente em apêndice da economia de guerra yanque. Sem seu consentimento, nenhuma indústria, nenhum setor da produção, nada, enfim, terá financiamento, transporte, energia ou facilidades fiscais. O que não seja conveniente aos americanos deve ser asfixiado.

Por exemplo: Vargas anuncia o reaparelhamento das ferrovias e portos, a reorganização dos transportes, como primeira medida para reduzir o custo da vida. Mas a própria imprensa burguesa revela que tudo isso «está diretamente subordinado ao esforço de guerra dos Estados Unidos». E, portanto, o reaparelhamento dos serviços ferroviários e portuários brasileiros será processado tendo como objetivo fundamental a elevação da capacidade de exportação de matérias primas estratégicas de nosso país», concluindo-se que «os efeitos dos melhoramentos ajustados pelo Ponto IV (programa Truman) poderão vir a ser negativo, até, para a economia nacional». (Diário Popular, 14-7-51, S. Paulo). O «Diário de S. Paulo» (15-7-51) informa em seguida sobre o controle do Departamento de Pesquisas Geológicas dos Estados Unidos sobre pesquisas, localização e investigação das possibilidades minerais e do potencial hidráulico em nossa pátria. Café, algodão e cacau — 90% de nossa exportação legal, excluindo o contrabando de areias monazitas, etc. — têm preços marcados pelo governo americano, que exige, em troca de cotações consideradas razoáveis pelos taturas e tubarões, a entrega de mão beijada do ferro, manganês, petróleo, etc. Na conferência dos Chanceleres ficou estabelecido que as riquezas minerais dos países latino-americanos são um «fundo comum» das Américas. Em duas penas, os americanos se tornam proprietários não só de nossas reservas minerais de nossa pátria.

Progresso ou miséria para as grandes massas?

Essa política de guerra só pode levar à inflação. O governo de Vargas já emitiu mais de um bilhão e meio de cruzeiros — reduzindo o salário real dos trabalhadores, aumentando incessantemente o custo da vida. O governo perdêa 75% das dividas dos pecuaristas, desvaloriza o cruzeiro com o câmbio livre para facilitar a exportação dos lucros das empresas imperialistas. Só a receita da Light equivale a 12% do orçamento federal e as empresas americanas exportaram, em 1951, nada menos que 4.797 milhões de cruzeiros, isto é, 237 milhões a mais que o saldo positivo da balança comercial, que foi de 4.519 milhões de cruzeiros. Vargas emprega o dinheiro dos impostos para sustentar os preços do café, do algodão e do cacau, a fim de manter os altos lucros dos grandes fazendeiros e comerciantes exportadores. Os tubarões estão no governo e enriquecem dia a dia mais, enquanto a imensa maioria do povo luta contra a fome e a miséria crescentes.

Liberdade ou terror fascista?

Os fatos indicam os rumos do governo Vargas, que ataca à bala o Congresso do Petróleo, ordena prisão de Prestes, lança vasos de guerra contra os portuários grevistas de Belém e metralhadoras contra os ferroviários de Santa Maria, desencadeia o terror contra os camponeses de Porecatu e do sul da Bahia, intervém policialmente nos Sindicatos, aprende obras literárias como o livro «O Mundo da Paz», de Jorge Amado, tenta fechar as organizações democráticas.

Com Vargas no Poder continua válida, como continuará para qualquer outro governo das classes dominantes, a denúncia do Manifesto de Agosto: «Estamos em face de um governo de traição nacional que entrega a nação à exploração total dos grandes bancos, trustes e monopólios norte-americanos». Mudaram os homens no governo, mas permanecem no Poder as mesmas classes dominantes que, quando pedem dólares, pedem também a intervenção estrangeira no país, na esperança de conseguirem, assim, prolongar sua dominação sobre o povo, impedir que se realizem as profundas modificações já inadiáveis e indispensáveis ao livre desenvolvimento econômico, social e político de nossa pátria.

Essas profundas modificações inadiáveis, a conquista de um regime de paz, de democracia popular, só podem ser obtidas pelo caminho das lutas revolucionárias indicadas por Prestes no Manifesto de Agosto.



Jovens paulistas tomam a iniciativa de levar avante campanha financeira de ajuda à VOZ OPERÁRIA. No cliché, um aspecto de uma das várias festas populares que os jovens estão promovendo em São Paulo para ajudar o semanário de Prestes.

Ferro em Brasa

CORRUÇÃO DA INTELIGÊNCIA

Tudo fazem, numa propaganda sutilmente conjugada, o imperialismo americano, o governo de Getúlio e os grandes tubarões para atrair os intelectuais e artistas para o campo da reação, e corrompê-los.

Os fatos se sucedem. A criação do Conselho Cultural Interamericano, saído da Conferência de Bogotá, e destinado a coordenar a propaganda ideológica do imperialismo, é um desses fatos.

A visita de um grupo de intelectuais, a Getúlio, por ele escolhidos a dedo e a título de debater problemas com o velho ditador, é outra manobra típica.

O último acontecimento da série é a próxima inauguração da Bienal de São Paulo. Trata-se de uma exposição patrocinada pelo Museu de Arte Moderna, financiada por Matarazzo, da qual só participarão países do campo anti-democrático. Os prêmios são gordos e saem dos bolsos de Jaffet, Matarazzo, Moura Andrade e Lunardelli, o que vale dizer do suor dos operários e camponeses. E quem está na Presidência de Honra da Exposição? O mesmo Getúlio travestido de Mecenas que mandou apreender o último livro de Jorge Amado e proibir Oscar Niemeyer de ser professor da Escola de Arquitetura. Por trás dos políticos e tubarões subitamente interessados pela arte, está Nelson Rockefeller movendo os cordeiros.

A Bienal tem um conteúdo reacionário indistiguível. Seus propagandistas são o gros-bonnet Chateaubriand, o palhaço Osvaldo de Andrade, o policial Sergio Milliet e toda uma corte de artistas decadentes. Não devem, por isso, os artistas honestos e progressistas participar desse certamen. Os artistas honestos e progressistas, por cima de escolas e tendências devem compreender que a Bienal representa uma forma de penetração do imperialismo no terreno da arte. O imperialismo quer, desse modo, fazer sua propaganda ideológica e corromper os artistas com a sedução dos gordos prêmios e a colocação de seus trabalhos nos mercados do dólar ou nos palácios dos granfinos.

A "BATALHA DECISIVA

Getúlio colocou a vida de nossa juventude nas mãos imundas do vende-pátria Gois Monteiro, chefe do golpe militar que o derrubou a 29 de outubro, golpe este que Vargas, quando queria enganar o povo em véspera de eleição não vacilou em declarar que fora organizado e dirigido pelo embaixador Berle.

No desempenho da missão que lhe deu Vargas é que o desmoralizado general fascista do Plano Cohen de 37, laço de Hirohito e Hitler, se encontra nos Estados Unidos, onde foi recebido pelo almirante Badger, fracassado chefe da intervenção militar na China em 1946, troca mensagens com Bradley, recebe banquetes dos canibais do Pentágono.

Falando num desses banquetes, o fantoche Gois, que hoje serve a Truman com o mesmo desfibramento que servia ao Eixo, declarou que o Brasil tomará parte na batalha decisiva. Gois não pode falar em nome do povo brasileiro que o odeia e escarnece. Não poderia falar sequer em nome do «Exército de Alagoas», chefiado pelo seu irmão Silvestre, que desapareceu com a sua derrota nas urnas.

Sim! O Brasil tomará parte não somente na batalha decisiva. Já está tomando parte na batalha da paz contra os incendiários de guerra americanos. Deu uma contribuição de 4 milhões de assinaturas ao Apelo de Estocolmo e dará cinco milhões de firmas ao Apelo por um Pacto de Paz.

E travará a batalha decisiva de que fala Gois, não ao lado das forças do campo imperialista e anti-democrático encabeçado pelos canibais yanques. E, sim, ao lado das forças do campo anti-imperialista e democrático, liderado pela gloriosa União Soviética, à qual diz a nossa juventude num juramento solene: Jamais pegaremos em armas contra União Soviética!

UM SABUJO SEM MÁSCARA

Já se desmascarou por completo como órgão da Copa e da Cosinha do Catete o vespertino do aventureiro Samuel Wainer.

Samuel, como jornalista, é um tabibate que alinha períodos sem nexo e sem arte e, por isso, mesmo, só pode manter seu alto padrão atual à custa da sabujice mais indecorosa e da defesa dos interesses mais escusos.

O vespertino de Wainer, além de ser um órgão doméstico, é um pasquim de provocação guerreira. Como tal, também bate palmas às medidas de repressão terrorista de Vargas à campanha de defesa da paz.

Há dias, o «Suplemento Juvenil» do seu pasquim, com porcento no estilo de vida yanque, publicava uma história em quadrinhos na qual canibais fascistas americanos apareciam como libertadores da China. Na infame historietta, que não passa de um sonho de «tigres de papelão», os soldados do glorioso Exército Popular aparecem como fumadores de ópio com a fisionomia de celerrados que têm justamente os padrões yanques de Wainer e seus socios menores da Ilha Formosa. Uma farsa grotesca visando envenenar nossa juventude.

E no dia seguinte, noticiando os acontecimentos de Uberlândia, «Ultima Hora» batia palmas aos atentados fascistas contra o jornal independente daquela cidade, editando uma matéria sob o título «Desmantelada a imprensa comunista».

O uso do cachimbo yanque entorta a boca de Wainer. O que ele não sabe é que a imprensa comunista, que defende a paz e a independência de nosso país, emerge mais forte e mais querida pelo povo, a cada atentado como aquele a que seu sórdido pasquim bateu palmas.

7 dias NO BRASIL

GREVE GERAL DOS UNIVERSITÁRIOS

O XIV Congresso Nacional de Estudantes decretou greve geral dos universitários para os dias 17 e 18 deste mês, em solidariedade aos alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo. A greve terá o caráter de advertência ao Ministro da Educação, pois caso não sejam atendidas as reivindicações dos acadêmicos paulistas ela se estenderá por tempo indeterminado. Os estudantes de Arquitetura e Belas Artes do Distrito Federal já se declararam em greve.

PLESBICITO CONTRA A GUERRA

Os estivadores bahianos realizaram em seu local de trabalho um plebiscito contra a guerra e contra o envio de tropas para a Coréia. Duzentos e quarenta e oito trabalhadores participaram do plebiscito, tendo duzentos e trinta e nove votado pela paz e contra o envio de tropas.

COLONIZAÇÃO DA BAHIA

O espião americano George H. Day, representante do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, manteve demoradas conferências a portas fechadas na cidade do Salvador com o governador Regis Pacheco e o secretário da Agricultura, Nonato Marques. O cônsul yanque Robert C. Johnson esteve presente, e, segundo revela «O Momento», as discussões giraram em torno da aplicação do famigerado Ponto IV de Truman, não só na Bahia mas também em Sergipe.

EXPULSAO PARA CUCKURS

A Câmara Municipal de Niterói, por proposta do vereador Afonso Celso, aprovou uma moção pedindo a expulsão do antigo carrasco nazista Herbert Cuckurs, cognominado a «fera de Riga», que vive livremente naquela cidade.

OUTRA FERA SOLTA

Outro criminoso de guerra procura agora o refúgio acolhedor que lhe concede o governo de Getúlio. Trata-se de Vittorio Mussolini, filho do canibal Benito Mussolini, assassino das populações da Abissínia, que bombardeou como integrante da 8.ª Esquadriha de Bombardeiros de Masmorra, em 1935. Encontra-se ele em São Paulo, tendo concedido uma entrevista a um dos jornais de seu parceiro Chateaubriand, anunciando que all pretende estabelecer-se. Nosso povo saberá dar-lhe a merecida resposta.

ACÇÃO em defesa da PAZ

Fazer muito mais pela Paz Se não quisermos ser Arrastados à guerra

Resumo das Decisões do Bureau do Conselho Mundial da Paz na reunião de Helsinki

O Bureau do Conselho Mundial da Paz, em sua um balanço da campanha por um Pacto de Paz, tomou última reunião realizada em Helsinki, destinada a fazer a decisão de intensificar a luta pela Paz. Damos abaixo um resumo da decisão do Bureau:

O Bureau do Conselho Mundial da Paz dirige-se a todos os movimentos e organizações de partidários da paz, exortando-os a intensificarem a luta pela conclusão de um Pacto de Paz entre as 5 potências.

A análise da situação internacional indica que essa luta deve ser intensificada.

Um ano de combates sangrentos na Coreia mostra que não adianta querer resolver os problemas pela força. Não é a guerra, mas sim as negociações que servem para eliminar as divergências.

O Bureau destaca que é preciso exercer vigilância para que o armistício na Coreia seja conseguido.

Analisando a situação internacional destes últimos meses o Bureau destaca que o perigo de guerra é cada dia maior. Eis os fatos:

— Uma corrida armamentista desenfreada.

— A Conferência dos vice-Ministros em Paris fracassou, apesar do desejo de paz dos povos.

— Remilitarização da Alemanha e do Japão, com a formação de destacamentos militares.

— Aumentado o número de bases militares e a fabricação de novas armas.

— Novos conflitos no Oriente Próximo.

Diante disso é necessário fazer muito mais do que até agora, se não quisermos ser arrastados à guerra.

Que fazer?

Apoiar a conclusão do armistício na Coreia, pois sem o apoio da opinião pública fracassará.

MAIS UMA ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORES APROVA O PACTO

A Associação dos Trabalhadores em Serviços de Utilidade Pública da Cidade do Rio Grande realizou no dia 21 de julho próximo passado uma reunião de assembleia geral em que foi lançada uma campanha pelo aumento de 40% nos salários e 100% no abono-família, equiparando-o aos funcionários estaduais.

A mesma assembleia aprovou sob aplausos gerais os termos do Apelo por um Pacto de Paz entre as 5 potências e uma moção contra o envio de tropas brasileiras para fora do país, tendo falado sobre o assunto dois trabalhadores.



Passeata de jovens na Capital de São Paulo contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia, «Queremos Paz, nas queremos guerra» — dizem as faixas que desfilaram nas ruas

POR UM PACTO DE PAZ Novas Câmaras Municipais

APROVOU O APÉLO
A CAMARA DE CAMBUCI

A Câmara Municipal de Cambuci, Estado do Rio, aprovou por unanimidade uma indicação solicitando ao Presidente da República que o representante do Brasil na ONU empenhe seus esforços no sentido da conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco potências.

14 VEREADORES
DE BOTUCATU

14 vereadores da Câmara Municipal de Botucatu, São Paulo, assinaram o Apelo. São eles: Amancio Rocha Camargo (PSP), Francisco Caricati (UDN), Alberto Monteiro (UDN), Dr. Antonio Delmanto (UDN), Daniel da Silva (UDN), José Carlos Fortes (UDN), José Covell (PTB), Alberto Laurindo (PSP), Emilio Pedauti (PSD), Levi Pires Campos (PSD), Dr. Joaquim do Amaral Gurgel (PSP), Dr. João Queirós Reis (PSD), Teodoro Carmelo (PSD) e Francisco Ramirez (PSP).

“NÃO EMBARQUEM NADA PARA GUERRA”

SAUDAÇÃO DE DONA LEONOR AGUIRRE
AOS PORTUÁRIOS SANTISTAS

Ao passar em Santos, de regresso à Argentina, a advogada Leonor Aguiar, do Partido Radical, que integrou a Comissão Internacional Feminina para investigar as atrocidades americanas na Coreia, dirigiu a seguinte saudação aos portuários santistas, que têm dignas tradições de luta contra a guerra e o fascismo:

«Aos trabalhadores portuários, para que nunca embarquem armas de guerra do imperialismo e se neguem a embarcar a riqueza do Brasil para alimentar os soldados invasores da Coreia mártir, com todo o afeto — Leonor AGUIAR. Santos, 31.7.51»

BRILHANTE INICIATIVA DAS CAMPONESAS DE CÓRREGO BRANCO

Um baile organizado por jovens e camponeses para de julho em Corrego Branco, angariar assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz e fundos para a imprensa democrática, realizou-se a 21 de julho em Corrego Branco, município de Pompéia.

Mais de cem pessoas tomaram parte na festa, que decorreu com grande alegria.

As jovens ofereceram várias prendas: rosas e bolos para serem arrematados durante o baile. As prendas que mais renderam foram o Bolo da Paz e a Rosa da Paz. Esta última foi muito disputada.

Depois de arrematadas as prendas, um jovem camponês chamado Dico pediu que dois camponeses falassem sobre a Paz e o Apelo e começou a colheita de assinaturas. 61 pessoas assinaram o Apelo.

As jovens camponesas de Corrego Branco dão um exemplo que esperam ver seguido por todos os camponeses que não querem ver seus irmãos morrerem na guerra.

(Do correspondente)
(Pompéia — São Paulo).

LEONIDAS ASSINA O APÉLO POR UM PACTO DE PAZ

Leonidas, o grande centro-avante brasileiro de fama mundial, hoje técnico do São Paulo F. C., assinou o Apelo por um Pacto de Paz entre as 5 potências.

O «Diamante Negro» que firmou o Apelo na capital paulista, no dia 4 deste mês, fez na ocasião as seguintes declarações: «O mundo é muito grande e precisamos de harmonia, pois só assim os homens poderão se entender. Pelas armas os homens jamais se entenderão e só encontrarão ódio e vingança. É preciso, portanto, que o Pacto de Paz seja cumprido. Caso não haja lealdade no seu cumprimento, é o mesmo que não existir.

Faço votos para que esta campanha se propague e encontre em todas as camadas a aceitação devida.»

Duas Experiências Positivas Na Luta de Massas Pela Paz

Duas proveitosas experiências na campanha do Apelo por um Pacto de Paz foram por último levadas a efeito na Bahia.

A primeira, do envio de caravanas composta de dirigentes do Movimento Bahiano dos Partidários da Paz aos municípios do interior. As caravanas, integradas por conhecidos lutadores da paz, realizam atos públicos e coletas de assinaturas ao Apelo do Conselho Mundial.

Assim foram realizadas excursões aos municípios de Cachoeira, São Felix São Sebastião, Mata de São João e outros, todas obtendo resultados positivos.

A segunda é a realização de plebiscitos em praça pública sobre o envio de

tropas para a Coreia ou qualquer ponto fora de nosso território. Os plebiscitos são promovidos pela Federação da Juventude Bahiana.

Após um comício em determinado ponto de movimento, são distribuídas cédulas e se inicia a votação. Há verdadeiro entusiasmo popular em torno da iniciativa.

Até o momento realizaram-se plebiscitos na Praça Municipal e no Taboão. No primeiro, apuraram-se 181 votos contra o envio de tropas e 6 a favor; no segundo, 257 contra e zero a favor.

Durante o comício e o desenrolar do plebiscito foram colhidas centenas de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz.

NOTICIÁRIO

SILVIO RABELO
ASSINOU

O professor Silvio Rabelo, autor de biografias de Euclides da Cunha, pedagogo de renome e ex-secretário da Educação de Pernambuco, assinou o Apelo por um Pacto de Paz entre as 5 potências.

DULCINA E ODILON

Também Dulcina e Odilon, consagrados atores nacionais, fizeram declarações contrárias ao envio de tropas brasileiras para fora do território nacional e pela cessação imediata da guerra na Coreia, declarando-se de acordo com os termos de Apelo do Conselho Mundial da Paz.

DOIS SACERDOTES
CATÓLICOS

O Padre Francisco Olinto de Araujo Leitão, vigário da Igreja de Senhor do Bonfim, nesta capital, declarou: «Todos devemos estar ansiosos para que estas negociações de paz na Coreia cheguem a bom termo. A paz na Coreia e em todo o mundo é o que ansiam todos os povos.»

F. Frei Jacinto Palazzolo, vice-superior da Ordem dos Capuchinhos: «A guerra é uma coisa estúpida. Não devemos brigar, para fazer as pazes depois. O que é preciso é chegar-se antes a um entendimento que garanta a paz no mundo.»

MULHER RECORDISTA

Nautilla Rosa da Silva coletou 10.605 assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz. Afirmou em entrevista que até o fim da campanha duplicará esse número. Trata-se da recordista pernambucana da campanha do Apelo de Estocolmo.

ARGENTINA

RECEBEU AMPLO APOIO
O CONGRESSO NACIONAL
DE PAZ DA ARGENTINA

O II Congresso dos Partidários da Paz da Argentina teve lugar em Mendoza. Membros do partido de Peron, radicais, socialistas, nacionalistas, progressistas, e comunistas figuravam entre os delegados.

Uma declaração anunciando que já foram recolhidas 500 mil assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz foi aprovada no conclave. Depois dos trabalhos do Congresso, a Confederação Geral dos Trabalhadores da Argentina publicou uma nota dizendo que os 4 milhões e 500 mil trabalhadores sindicalizados exigem a solução pacífica do problema coreano.



UM PACTO DE PAZ ENTRE AS CINCO GRANDES POTÊNCIAS:

O Caminho Para Defender a Vida De Nossos Filhos e Irmãos

2. A FACE TERRÍVEL DA GUERRA

A guerra é o sacrifício mais cruel e devastador que pode ser imposto à humanidade. Eis o balanço trágico da última guerra mundial:

— 32 milhões de jovens morreram nos campos de batalha;

— 26 milhões de seres humanos foram assassinados nos campos de concentração dos nazistas e japoneses;

— o número de mortos na guerra é superior ao número de habitantes do Brasil;

— 26 milhões e 500 mil pessoas foram feridas, mutiladas ou incapacitadas para o trabalho;

— 21 milhões de pessoas ficaram sem os seus lares e bens, destruídos pelos bombardeios aéreos;

— 130 milhões de pessoas ficaram sem abrigo e sem pão e vítimas das doenças;

— um milhão de crianças ficaram na orfandade; mais de um milhão de mães cobriram-se de luto pelos seus filhos queridos.

2. NOVA GUERRA MUNDIAL — UMA AMEAÇA PRÓXIMA

Outra guerra mundial, que seria várias vezes mais devastadora que a segunda, ameaça novamente os povos.

Já na Coreia, uma guerra sangrenta destrói milhares de vidas, arrasa cidades, despedaça sob bombas os corpos de crianças inocentes. Esta guerra ameaça estender-se até o território chinês e tornar-se, assim, uma guerra mundial.

Outros focos de guerra surgem continuamente: a Alemanha encontra-se dividida em duas partes e, numa delas, na zona ocidental, já se procura reerguer oficialmente o antigo exército de Hitler, enquanto as indústrias de armamentos voltam a trabalhar a todo vapor. Os atuais dirigentes dessa Alemanha Ocidental pregam insistentemente a reunificação da Alemanha pela força e afirmam que não reconhecem as fronteiras alemãs com a Tchecoslováquia e a Polónia, fixadas pelos acordos de Potsdam.

O governo da Inglaterra entra em conflito com o povo iraniano por causa da nacionalização do petróleo naquele país e vasos de guerra e tropas paraquedistas inglesas tomam posição ao largo das costas iranianas.

Os norte-americanos ocupam a ilha Formosa, que pertence à China. Vão concluir um tratado de paz em separado com o Japão, que permite o rearmamento intensivo daquele país agressor e deixa de reconhecer a soberania da União Soviética sobre as ilhas Kurilas e Sakalina. Criam-se em todo o mundo novos blocos militares: o Pacto do Atlântico, com o exército da Europa Ocidental; o Pacto do Rio de Janeiro, como o exército continental dos países americanos; o Pacto do Pacífico, com vários países da Ásia.

Qualquer que seja a opinião sobre as origens e causas desta tensão internacional ameaçadora à paz mundial, em todos os países existe hoje uma opinião unânime: uma terceira guerra, de consequências terríveis, ameaça o mundo.

3. MAS A PAZ É POSSÍVEL, PODE SER MANTIDA

Ainda estão vivas na memória dos povos as recordações das tremendas destruições e dos atrozes sofrimentos da última guerra. Por isso os povos de todos os países não desejam mais outra guerra, exigem a paz.

É este fato, justamente, que torna possível se impedir a deflagração de nova guerra mundial. Por mais desesperados que sejam os esforços dos interessados em mergulhar a humanidade num mar de lágrimas e sangue todas as tentativas guerras poderão ser derrotadas, se os povos se opuserem resolutamente à guerra. Ninguém pode fazer guerra sem os povos — isto é, sem que os jovens concordem em envergar um uniforme militar e empunhar armas de guerra e transportá-las para as frentes de batalha, sem que os camponeses concordem em produzir alimentos para os exércitos em luta, sem que as mães, as esposas e as filhas consentam que seus filhos, maridos e pais marchem como gado de corte para o matadouro da guerra. A ação unida e organizada dos povos poderá, assim, tornar vitoriosa a causa da paz.

4. AÇÕES SIMPLES, MAS CONCRETAS DAS GRANDES MASSAS PODEM IMPEDIR A GUERRA

Milhões e milhões de pessoas, em todo o mundo, poderão impedir a deflagração de nova guerra mundial e impor a paz, se souberem unificar seu desejo de paz através de ações simples, mas concretas, organizadas e unificadas contra a guerra. Neste momento, por exemplo, uma forma prática e a mais efetiva de impedir a deflagração de nova guerra

mundial é a de exigir a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, responsáveis pelo funcionamento do Conselho de Segurança da ONU. Um gesto simples de milhões de pessoas de todos os países poderá conseguir isto. Este gesto simples é a assinatura de cada pessoa que deseje a paz em todos os países, o este Apêlo do Conselho Mundial da Paz:

APÊLO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ

«ATENDENDO às aspirações de milhões de homens do mundo inteiro, qualquer que seja sua opinião sobre as causas que engendram os perigos de guerra mundial;

PARA consolidar a paz e garantir a segurança internacional;

RECLAMAMOS a conclusão de um pacto de paz entre as cinco grandes potências: Estados Unidos da América, União Soviética, República Popular da China, Grã Bretanha e França.

CONSIDERAMOS a negativa do Governo de qualquer das grandes potências a reunir-se para concluir esse pacto de paz, como evidência de designios agressivos por parte desse governo.

FAZEMOS um apêlo a todas as nações amantes da paz para que apoiem a exigência de um pacto de paz aberto a todos os Estados.

COLOCAMOS nossas assinaturas ao pé deste Apêlo e convidamos a assiná-lo a todos os homens e a todas as mulheres de boa vontade, a todas as organizações que aspiram à consolidação da Paz»

5. O VALOR DE UMA ASSINATURA

Que pode significar uma simples assinatura num pedaço de papel exigindo a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências?

Isto tem uma significação precisa e uma importância decisiva para a Paz. Se se tratasse de uma assinatura individual apenas, ou mesmo de um milhar de assinaturas, é certo que pouco significaria. Mas trata-se, justamente, da assinatura de milhões e milhões de pessoas com as quais esperam contar os interessados na guerra para poder desencadear-la. Se esses milhões de pessoas declaram, através de suas assinaturas no

Apêlo do Conselho Mundial da Paz, que exigem que seja evitada a guerra por meio da solução pacífica dos problemas internacionais de maior gravidade no momento, os que alimentam propósitos agressivos serão obrigados a recuar. Se não o fizerem serão irremediavelmente isolados, inclusive em relação a seus próprios povos.

Ora, para que sejam milhões as pessoas que assinem o Apêlo e demonstrem claramente sua vontade de paz, nem uma só assinatura pode ser subestimada: esses milhões de votos pela paz só serão alcançados com a soma de cada voto individual.

6. UM PACTO DE PAZ SALVARÁ A VIDA DE MILHARES DE JOVENS BRASILEIROS

Que interesse concreto tem para os brasileiros a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências? Um interesse fundamental.

Agora mesmo milhares de jovens brasileiros encontram-se ameaçados de seguir para a guerra na Coreia ou em qualquer outra parte, cobrindo de lágrimas e de luto os nossos lares.

Ora, lutar por um Pacto de Paz é uma forma prática de lutar em defesa da vida desses nossos filhos, irmãos e amigos. Um Pacto de Paz incluirá, forçosamente, a solução pacífica do conflito coreano e evitará que outro conflito surja em qualquer outra parte. Isto afastará imediatamente a ameaça que pesa sobre a vida de nossa juventude. Ninguém será mandado para a guerra se não houver mais guerra.

7. UM PACTO DE PAZ POSSIBILITARÁ O BARATEAMENTO DO CUSTO DA VIDA

A conclusão de um Pacto de Paz atenderá, também, a uma aspiração sentida de todos: o barateamento do custo da vida.

Por que sobem os preços diariamente?

O governo de Getúlio diz que é porque não há transportes suficientes. Mas para que se possa abrir novas estradas, aumentar os trilhos das estradas de ferro, comprar novas locomotivas e va-

gões, é preciso que o governo dispense dinheiro. Mas o dinheiro do governo, arrecadado através dos impostos, é cada vez mais dispendido em despesas de guerra: aumentam as despesas militares e de guerra que consomem quase 50% do orçamento federal e se reduzem as despesas com o Ministério de Viação, — com a construção de estradas, o reequipamento das ferrovias, a construção de escolas e hospitais. Mesmo que o governo queira aumentar os transportes, mantendo cada vez mais altas as despesas militares, terá então de recorrer a novos impostos. Isto agrava ainda mais a carestia, pois os comerciantes distribuem nos preços das mercadorias os aumentos dos impostos.

..Ora, a conclusão de um Pacto de Paz eliminará todos os motivos desta política de ra e favorecerá, assim, o adiantamento das despesas de execução de medidas concretas para baixar o custo da vida.

8. UMA CAMPANHA DE TODOS

Todos os homens e mulheres, independentemente de suas convicções políticas ou religiosas, de sua forma de pensar sobre a situação internacional, podem e devem estar unidos na luta por um Pacto de Paz. Pouco importa que julguem os Estados Unidos ou a URSS como a causa do perigo de guerra. O que é essencial é que desejem a solução pacífica dos problemas internacionais, em vez da solução por meio da guerra.

Quem deseja realmente a paz não pode querer que se resolvam, por meio das armas, os problemas internacionais. Quer que os dirigentes dos países responsáveis pela situação mundial se reúnam num esforço honesto para discutir e solucionar pacificamente esses problemas sob a vigilância dos próprios povos.

Se, em lugar deste caminho, se toma outro, isto é, o do emprego da força para impor o ponto de vista de um país sobre outro, levase a humanidade ao horror de nova carnificina mundial. Por isso mesmo só os que têm interesse em nova guerra é que poderão se recusar a este entendimento sobre um Pacto de Paz — acordo que não poderá impor a vontade de uma potência sobre outra mas que deverá harmonizar os diversos pontos de vista no interesse de toda a humanidade.

«NEM um só cidadão de qualquer país, nem uma só organização de qualquer tendência que aspirem sinceramente à paz, podem deixar de aderir ao Apêlo para a conclusão de um Pacto de Paz pelos governos das grandes potências. Quem quer que subscreva o Apêlo, qualquer que seja a sua opinião sobre as causas que engendram o perigo de uma nova guerra, dará com isto sua contribuição à causa da defesa da paz universal.

A negativa de qualquer governo de apoiar a reivindicação de um Pacto de Paz entre as grandes potências só pode significar uma coisa: o desejo de uma nova guerra, o temor de não ter as mãos livres para preparar a agressão e a guerra. O governo que se negue a participar das negociações para a conclusão do Pacto de Paz, que procure evitá-las ou esconder-se atrás de uma rede de mentiras, desmaçar-se-á diante do mundo inteiro como um governante agressivo, como um governante que deseja novas aventuras bélicas, sangue e destruições».

De um Editorial do órgão do Bureau de Informações dos PP.CC.

«EIS a grande palavra lançada. Esta conferência dos Cinco não será em definitivo senão a vitória das forças da opinião pública sobre a inércia e a má vontade dos governantes.

É verdade que meios consideráveis de formação da opinião pública são postos em ação pelos governos para fazer fracassar nosso esforço.

A imprensa, o rádio, o cinema, o romance, os intelectuais, tudo pé posto em ação para insinuar nos espíritos este receio e esta descrença: «aquem beneficia? Para que converter? É inútil conversar com os russos, e os chineses se recusam mesmo à conversação. Para obrigá-los a conversar é preciso criar, antes, situações de força. É preciso que eles discutam quando a ameaça de extermínio se lança em seus céus como uma nuvem de fogo...»

Mas, então não será tarde demais para discutir? Não será a primeira vez na história que se verá um governo arrastado pelos cavalos que sua mão alimentou, arrastado por uma opinião belicosa que ele mesmo levantou, e da qual não é mais senhor».

ABADE BOULIER

NÃO HÁ TEMPO A PERDER

Os acontecimentos se precipitam e só a vontade resoluta dos povos, exigindo imediatamente o início de conversações entre as grandes potências para a conclusão de um Pacto de Paz poderá afastar a ameaça de guerra que pesa sobre a humanidade — ameaça que pesa de forma concreta sobre nosso próprio povo, com o pedido de soldados brasileiros par a guerra na Coreia.

Então, é preciso não se perder um minuto, para levar de casa em casa, de porta em porta, de associação em associação, o Apêlo Por um Pacto de Paz. Nenhum brasileiro amante da paz deve deixar de ser convocado para assiná-lo, e deve deixar de assiná-lo. É isto o que exigem as vidas de nossos filhos e irmãos, o futuro de nossa juventude e de toda a humanidade.

Voz das Fábricas

GREVE VITORIOSA EM PERNAMBUCO DE 10 MIL OPERÁRIOS TEXTÉIS

OS OPERÁRIOS têxteis de Paulista, Pernambuco, em número superior a 10 mil, derrotaram os nazistas Lundgren após quatro dias de paralisação, exigindo o pagamento das horas extraordinárias e o aumento de 30%, conquistado depois de duras lutas e que, anteriormente, não vinha sendo pago pelos patrões.

O movimento teve início na seção de fiação da fábrica Velha onde os trabalhadores, diante da recusa dos patrões em pagar as horas extraordinárias, deliberaram trabalhar somente 8 horas. Em represália, a Cia., descontou duas horas diárias no salário de cada operário, além dos 30%. Aos que percebem 230 cruzeiros semanais a Cia. entregou um cheque de 60 cruzeiros. Os de 180 a 190 receberam cheques de 50 cruzeiros. Houve uma operária que recebeu apenas 6 cruzeiros!

Revoltados com a exploração, os operários deram um prazo aos Lundgren para o pagamento do restante a que tinham direito. No dia marcado, a greve, foi deflagrada. Os operários da Fábrica Velha das outras seções — enroladeira e banco — e os da tecelagem da Fábrica Aurora solidarizaram-se com o movimento.

Os grevistas ocuparam as dependências da fábrica, para evitar a sabotagem por parte dos traidores e capangas dos Lundgren, três dos quais foram repellidos quando procuravam se infiltrar na seção de Bancos para quebrar as máquinas.

O presidente da Junta Governativa do Sindicato de Fiação de Paulista tentou fazer com que os operários retornassem ao trabalho, até que a Cia. resolvesse... mas foi repellido. Os grevistas também não foram na conversa do deputado «trabalhista» Celso Miranda, que visitou-os na fábrica tentando persuadi-los a voltar ao serviço. Chegou a oferecer 12 mil cruzeiros «do seu bolso» para completar os pagamentos, mas os grevistas viraram-lhe as costas.

Às 4 dias de paralisação, os Lundgren foram forçados a fazer uma proposta aos grevistas que foi discutida e aceita pela massa. Assim, os operários retornaram ao trabalho sob as seguintes condições:

1) — A Cia., se obrigou a pagar 3 horas do extraordinário por semana a todos os operários, sem exceção; 2) — Os operários em greve receberiam os dias da greve nas seguintes bases: a) 100 por cento os operários das seções de fiação e de banco, que foram os mais destacados; b) 50 por cento para os demais operários da tecelagem.

O movimento contou com a solidariedade de toda a população de Paulista.

Um operário da Nitro-Química do Brasil, fábrica de propriedade do tubarão Horácio Lafer, ministro de Getúlio, localizada em São Miguel, foi vítima de um doloroso acidente de trabalho. O operário achava-se trabalhando em determinada máquina quando teve sua mão colhida pelo cilindro e lentamente esmagada. Durante 50 minutos o trabalhador ficou com a mão presa nos dentes do cilindro. A máquina teve de ser desmontada para poder livrá-lo do suplício. Esse é um crime a mais a ser acrescentado na já longa lista de Lafer. E' mais uma prova, também, da insegurança em que trabalham os operários no Brasil.

LUTAM OS TRABALHADORES PAULISTAS PELA LIBERDADE DE ELISA BRANCO

A UNIAO Geral dos Trabalhadores do Estado de São Paulo adotou uma iniciativa digna de ser seguida na campanha pela liberdade de Elisa Branco.

Fez imprimir um milhão de listas para recolher assinaturas exigindo a imediata libertação da destemida lutadora da paz. Essas listas correm entre os trabalhadores paulistas e contarão com o seu decidido apoio. As listas em apreço são encimadas pela fotografia de Elisa Branco e trazem dizeres patrióticos, entre os quais a frase por ela desfrida no desfile de 7 de setembro em São Paulo que se tornou uma bandeira de luta para os partidários da paz de todo o Brasil. «Os soldados nossos filhos não irão para a Coréia».

SAUDAÇÃO AO MANIFESTO DE AGOSTO

No dia 2 de agosto teve lugar na capital bahiana uma importante demonstração de trabalhadores. Cerca de 400 tecelões desfilaram da Fábrica da Conceição até ao Largo do Tanque.

A porta da fábrica da Conceição, quando os primeiros operários deixavam o trabalho, um grupo de patriotas conduzindo cartazes contra a guerra e pelas reivindicações dos trabalhadores, conceitou os tecelões a participarem de uma manifestação em homenagem ao Manifesto de Agosto, lançado por Prestes em nome do Comité Nacional do P.C.B.

As palavras dos oradores foram acolhidas com entusiasmo e os tecelões começaram a encorpar-se ao grupo que organizava a passeata. Operários que iam saindo vinham engrossar as fileiras que já se formavam, atendendo ao convite feito em altas vozes por outros operários.



Dentro em pouco, empunhando cartazes, centenas de tecelões deslocavam-se em passeata, rumo ao Largo do Tanque. A massa repetia em côro palavras de ordem contra a guerra, pela união e organização dos operários, dava vivas à paz, à Frente Democrática de Libertação Nacional e a Luiz Carlos Prestes. Antes de dissolve-se o desfile, o dirigente operário Narciso Bispo falou aos trabalhadores sobre a significação do Manifesto de Agosto e o caminho revolucionário que o Partido e Prestes apontam aos trabalhadores e ao povo brasileiro. Milhares de volantes foram distribuídos à massa.

PARA SE INFORMAR PARA CONHECER OS FATOS

OUÇA A RADIO DE MOSCOU emissões em português PARA O BRASIL HORAS: 20,30 a 21,00

ONDAS:	19.43	20.03	20.30	20.47	20.52	20.58	20.77
	15.140	11.960	11.960	11.760	11.755	9.750	9.690

Concentração de Indústria de Guerra No Cinturão de São Paulo

Reportagem de ORLANDO SERENI

Desde 1946 as trustes yanques vêm instalando e ampliando

em nosso país suas indústrias metalúrgicas e químicas visando fins guerreiros. Data daquela época o início da produção de metralhadoras leves e pesadas na Laminación Nacional de Metais uma das indústrias do teste de ferro Mgntari. Em Santo André, ao lado da Laminación se localiza a CRC, pertencente à Duperial, que produz milhões de balas para armas automáticas, estando equipada com maquinário automático do último tipo. A Confab, de propriedade do integralista Machado Florence, também em Santo André, aparentemente se especializou na produção de peças para tratores York, mas na realidade se concentra na fabricação de granadas do modelo americano para as nossas forças armadas, não passando, portanto, de uma peça na engrenagem do plano de padronização do nosso Exército sob a supervisão de Mullins e companhia.

Outro passo para a converção industrial de guerra foi dado em fins do ano passado, com a aquisição por parte da Anderson Clayton dos Armazens Gerais da Mac Fadden. E' de se notar que a Anderson Clayton aparece nesta transação sob o nome de Fidelidade S/A; na realidade a Fidelidade se dedica à extração do linter de algodão para a produção de pólvora.

Ao longo da Via Anchieta, no município de S. Bernardo, está sendo montada às pressas a primeira fábrica de pilhas secas na América Latina, cujo equipamento completo veio em avião dos Estados Unidos, tendo sido retirada da Ásia onde o chão está se tornando muito quente para as indústrias de guerra dos senhores de Wall Street. A pilha seca tem uma utilidade essencial numa guerra para o aparelhamento de radar e também para os casos de interrupção das redes centrais de luz e força.

AS COMPRAS DE VARGAS ENGORDAM AS INDÚSTRIAS DE GUERRA

A indústria de guerra produz lucros fabulosos pois que os compradores — o Governo Dutra e agora o de Vargas — fazem vista grossa para os preços cobrados pelas metralhadoras e granadas. Sobram também gordas comissões para os intermediários. O coronel Plínio Cardoso, intermediário da Laminación nos contratos com o governo, já montou uma próspera indústria própria de metralhadoras leves (a INA), em Santo Amaro. Evidentemente esta fábrica não foi montada apenas com o dinheiro de seu salário.

As fabulosas verbas orçamentárias e extraordinárias de Dutra e Vargas, destinadas à compra de armamentos, engordam enormemente os lucros líquidos das indústrias de guerra.

A General Motors, fornecedora de caminhões e ambulâncias em grande quantidade para o nosso Exército, apresenta-se com um lucro líquido de quase 200 milhões de cruzeiros ou seja o dobro do capital — isto em apenas um ano. A Firestone, fornecedora de pneus nada lhe fica a dever com 130 milhões de lucro líquido e mais de 100 milhões invertidos na ampliação da fábrica que já monopoliza 30% do consumo nacional. A produção de me-

tralhadoras garantiu à Laminación, em 1950, um lucro líquido de cerca de 98 milhões de cruzeiros. Segundo fontes insuspeitas, isto representa também um lucro igual ao capital total da empresa. Por aí se vê que a produção de guerra é uma fonte de grandes lucros para os monopólios yanques e seus sócios brasileiros.

DESTACAMENTOS DE MILICIANOS PARA GARANTIR A MAIOR EXPLO- RAÇÃO

Para a classe operária e as massas trabalhadoras esta situação encerra graves perigos. Já agora, depois das resoluções de Washington, os operários de Santo André estão sendo submetidos a horários de guerra que liquidam completamente com a lei de 8 horas e com o direito ao repouso semanal remunerado, conquistas de tantas lutas exigiram da classe operária. Neste caso estão os operários da Mineração de Jafet, da Confab e da Rhodia Química, atingidos diretamente pelo decreto do governo Vargas, que autorizou estas indústrias a funcionar nos domingos e feriados. Um protesto contra esta nova forma de exploração nas indústrias de guerra foi punido na Mineração com o afastamento de 26 operários estáveis contra os quais foi aberto inquérito administrativo. A militarização das fábricas se faz também por outras formas: grupos de choque da Força Pública já ocuparam a Laminación Nacional de Metais por duas vezes, em seguida à Conferência de Washington. Destacamentos de milicianos guardam dia e noite tanto a CRC como a Confab e a Laminación.

Já a General Motors, em São Caetano, não esperou nenhum decreto de Vargas. Com a aquiescência do sabujo Estilice Leal que ali fez uma visita clandestina, a General Motors, por sua própria iniciativa, passou os operários para um horário novo: 10 horas corridas das 20 horas da noite às 6 da manhã. A comissão que procurou a gerência para protestar foi respondido pelos gringos arrogantes que ficassem em casa se não quisessem trabalhar de noite.

Na Rhodia Química, atingida também pela autorização de Vargas, trabalha-se num ritmo intenso na produção de Rhodine e Satosan, a primeira uma droga destinada a curar dores de cabeça (evidentemente destinada a Góes Monteiro) e a segunda um sucedâneo sintético do plas-

ma sanguínea em pó. Encomeçadas estas produções foram feitas pelo Ministério da Guerra.

O PROLETARIADO DE SANTO ANDRÉ INGRESSA EM MASSA NA F. D. L. N.

Accelerando a produção de guerra e militarizando as empresas, procura o governo Vargas equivar mais rapidamente as unidades que ele pretende mandar para a Coréia como primeiro passo para a participação na Guerra que o imperialismo quer desencadear contra a U. R. S. S.

Esta produção de armamentos traz maior miséria e fome para milhões de brasileiros que têm que suportar o peso dos impostos de guerra e da inflação gerada pela emissão de dinheiro para pagar as metralhadoras, as granadas e os Rhodine. A carência da vida e agravada com o desvio das matérias primas para fins de guerra, os artigos de consumo popular deixam de ser produzidos na Laminación, na Rhodia e em dezenas de outras empresas. O velho slogan de Goebbels «Menos manteiga, mais canhões» é posto em prática por Vargas a mando de seus patrões americanos.

Mas para esta situação há uma saída e esta está no reforçamento da luta dos operários das indústrias de Santo André contra os salários e os horários de guerra, contra a militarização das fábricas. Remédios em vez de drogas para a guerra querem produzir os operários da Rhodia Química. Tratores em vez de metralhadoras e granadas, dirão os operários da Laminación e da Confab. Cartuchos de caça em vez de balas para metralhadoras, querem produzir os operários da CRC. Caminhões para transportar arroz e feijão em vez de ambulâncias para transportar os cadáveres de brasileiros mortos na guerra — dirão os operários da General Motors.

Lutando hoje contra a carestia e por aumento geral de salários, contra o envio de tropas para a Coréia e por um Pacto de Paz entre as grandes potências, o proletariado de Santo André ingressará em massa nas fileiras da Frente Democrática de Libertação Nacional sabendo que só a conquista de um governo democrático popular virá libertá-lo do jugo dos oprassores yanques, e de seus sócios nacionais, os grandes fazendeiros e capitalistas que sustentam o governo do tirano Vargas.



Arames tarpados e perúas da polícia isolam a General Motors — uma das fábricas de guerra yanques em São Caetano. Lá dentro, os operários trabalham sob a vigilância dos «tiras».

Solidariedade ao Povo Espanhol

12 aeroportos para a guerra de agressão

(continuado da 3.ª pág.)

O povo espanhol jamais se cansa de lutar contra a tirania, arrestando o terror e a morte. Esta assassinar os campos e os campos de concentração onde duzentos mil políticos, dos quais mil são mulheres, morrem lentamente sujeitos às torturas. Como Hitler, Salazar e Salazar, como os tiranos latino-americanos, Franco não pode nem governar doutra maneira.

Mas o fascismo não é o terror apenas, é igualmente fome, a miséria crescente, a jornada de trabalho de 12 a 16 horas, com salários de fome, com 100 a 150 ramos de pão, que é a ração diária de um trabalhador. Em 12 anos de poder, o ditador Franco levou a economia do país a uma bancarrota total — a indústria, os transportes, a agricultura, as finanças atravessam uma crise profunda. A inflação crescente causa a miséria dos trabalhadores e faz com que a riqueza se acumule nas mãos de um punhado de nobres e magnatas industriais. Os grandes proprietários de terras apossam-se de cerca de 40 por cento da renda nacional, enquanto milhões de camponeses morrem de fome e a agricultura parece no país.

Mas o fascismo é também guerra. 75 por cento do orçamento do Estado para o ano de 1950 foi absorvido pelas despesas com as forças armadas e a polícia. A preparação para a guerra é visível na Espanha franquista e os provocadores de guerra lanques dizem cinicamente que o território do país constitui uma base estratégica essencial dentro dos planos do Pacto do Atlântico Norte. Por isso, nos últimos anos já foram construído ou reconstruídos mais de cem aeródromos, os portos do Atlântico, do Mediterrâneo e das ilhas são reforçados, quartéis são construídos as pressas, e Franco toma todas as medidas militares visando uma rápida mobilização para a guerra.

Tal e qual como fazem Vargas, Gonzalez Videla, Perón e demais ditadores latino-americanos, que entregam nossas pátrias aos trustes e monopólios lanques e prometem carne de canhão para as aventuras guerreiras de Truman, o bandido Franco também já entregou o país aos financiadores norte-americanos e promete aos incendiários de guerra dos círculos dirigentes dos Estados Unidos vinte e duas divisões do exército e, posteriormente, chegou a aumentar mesmo esses efetivos para dois milhões de homens. Hoje os monopólios norte-americanos já são donos das maiores empresas industriais e de serviços públicos no país, das estradas de ferro, serviços de bondes, telefones, estaleiros navais, fábricas de ferro e aço, etc.

Os jornalistas estrangeiros que têm visitado a Espanha chegam à conclusão de que a vida no país se distingue por dois traços característicos: a miséria do povo e o ódio ao regime; e não ficam longe da verdade quando indicam que as causas dessa miséria e desse ódio estão no desmedido aparelho militar e policial de Franco que absorve todos os recursos da nação.

Mas essa mesma "imprensa democrática", que apóia a política sanguinária de Truman e trata de exaltar as virtudes "defensivas" do Pacto do Atlântico Norte, em suas apreciações sobre a situação na Espanha tra-

ta sempre de ocultar quem se acha por trás de Franco, por ordem de quem o exército controla bases militares e estações e povo espanhol.

Quem responde a isso é o próprio povo espanhol que com a classe operária à frente lança-se à luta contra a guerra e a fome, contra o regime sanguinário de Franco e de seus patrões anglo-americanos. A despeito de todo o terror, os trabalhadores espanhóis sob a direção do heróico Partido Comunista, do grande Partido de José Diaz e Dolores Ibarruri, aliado a todos os anti-fascistas, democratas e republicanos leais, rediz a nada as promessas de Franco aos imperialistas norte-americanos, diz vigorosamente aos incendiários de guerra que o tirano não pode falar em nome do povo espanhol, que quer a paz e que jamais será arrastado, como carne de canhão, para a carnificina de uma nova guerra mundial.

Esta a significação política dos recentes movimentos operários e populares na Espanha franquista, luta corajosa que abalaram profundamente o regime de Franco e que foram saudadas com entusiasmo por todos os povos que lutam pela paz, que com razão vêem movimentos da maior envergadura, enorme contribuição para as forças da paz, movimentos que acabaram por inclinar decisivamente para o lado da paz o balanço de forças em choque no mundo inteiro.

O movimento mais importante e significativo foi iniciado no porto de Barcelona a 12 de março, estendeu-se rapidamente a todos os pontos da cidade e logo em seguida à zona industrial circundante, uma das mais populosas da Espanha. A greve geral de 300 mil operários transformou-se rapidamente em movimento popular, em que o povo de Barcelona, unido como um só homem, venceu as forças da reação fascista e impôs a sua vontade. Num regime em que basta uma pessoa escrever numa parede alguma palavra que possa ser considerada subversiva para ser espancada e jogada no cárcere, num só dia a cidade ficou coberta de cartazes e boletins expondo as queixas dos operários e sua disposição de luta, e o povo se lançou às ruas com cartazes em que protestava contra a carestia da vida e exigindo a saída dos norte-americanos da Espanha. Vinte mil barcelonenses, reunidos em frente à sede do Governo Civil, o representante máximo de Franco gritavam: «Morra Franco e seu regime!», «Pão, Paz e Liberdade!», «Viva a República!». E, diante dos magnatas lanques que vivem no Hotel Ritz, desfilaram os milhares de manifestantes com cartazes em que se lia: «Fora os lanques da Espanha!», «Abaixo os protetores de Franco!», «Não faremos guerra para os banqueiros norte-americanos!»

A greve geral de Barcelona demonstrou o vigoroso protesto dos trabalhadores contra o aumento dos preços e contra os salários miseráveis, mas foi simultaneamente uma impressionante manifestação unitária e organizada contra toda a política de Franco. Foi, na verdade, uma vigorosa ação de defesa da paz, de repercussão mundial e que terá evidentemente de ecoar por toda a Espanha e suscitar outros movimentos contra a política de guerra e fome do regime franquista.

As autoridades fascistas lançaram enormes contin-

gentes do exército, da polícia contra os operários grevistas e os manifestantes populares, mas os trabalhadores de Barcelona e de toda a Espanha continuam a luta contra o regime de Franco, luta que começou na Catalunha e se estendeu praticamente a toda a Espanha sob as mais diversas formas — das greves aos desfiles de rua e às escaramuças com a polícia.

Depois do formidável movimento grevista de Barcelona vieram as lutas dos estudantes de Madrid e numerosas ações gigantescas de massa que prosseguiram golpeando o fascismo franquista. Mais de 500 mil trabalhadores do Euzkadi declararam-se em greve, enquanto outros 250 mil operários têxteis da Catalunha abandonavam de novo o trabalho e mais 30 mil em Pamplona declararam a greve geral. E, em seguida, o protesto organizado de 300 mil trabalhadores madrilenos que encontraram a forma de enfrentarem a tirania e de expressarem sua indignação contra a miséria e a fome, contra a política de guerra de Franco, por meio do boicote durante 24 horas aos mercados, casas de comércio, restaurantes, botiquins, bares e cafés, e simultaneamente a todos os meios de transportes, ao mesmo tempo que compareciam ao trabalho para realizar um trabalho a ritmo lento.

Enfim todas essas ações somadas à greve geral da Catalunha de meados de março significam a mobilização ativa e organizada de um milhão de trabalhadores, a força dirigente do povo espanhol, ferreamente unida e apoiada pela maioria esmagadora da nação, que diz assim claramente ao mundo inteiro que está contra Franco e seus patrões norte-americanos, e desmascara a infâmia dos dirigentes do trabalhismo inglês e de todos os «democratas» do Ocidente, partidários do Pacto do Atlântico Norte e da política sanguinária dos incendiários de guerra que por intermédio da ONU, onde têm uma maioria formal, levantaram ainda há pouco as sanções contra Franco.

Os povos da América Latina, que gemem sob a opressão do imperialismo lanque e de seus lacaios, os latifundiários e grandes capitalistas latino-americanos, estão em condições de avaliar o que significam esses gigantescos movimentos de protesto do povo espanhol, medem a imensidade do esforço despendido, e não admiram o exemplo, a indicação segura do caminho a seguir na luta contra seus opressores.

São inúmeras as lições a tirar dessas grandes lutas para os povos do nosso Continente.

O povo espanhol revelou, antes de tudo, a imensidade e a invencibilidade da vontade de paz de todos os povos e que não há tiranos que consigam dominá-la. Aos que querem lutar contra a guerra, mesmo sob as piores condições de terror fascista, indicou o povo espanhol o caminho a seguir e forjou com a sua experiência novas formas de luta que os povos latino-americanos saíram despendido, e nele cuidado para utilizar nas suas próprias lutas contra o imperialismo norte-americano e os governos de latifundi-

ários e grandes capitalistas, as ditaduras latino-americanas que vendem nossos pátrias aos trustes lanques e pretendem entregar o sangue de nossa juventude para as aventuras sanguinárias «em qualquer parte do mundo», como o exigiu Truman na recente Conferência dos ministros do Exterior em Washington.

Com o povo espanhol aprenderam ainda os democratas e patriotas latino-americanos, todas as pessoas honestas que em nossos países são partidárias da paz, e que é o papel dirigente da classe operária, — a única classe que está realmente em condições de aglutinar as forças da paz e da revolução e de levá-las à vitória contra o imperialismo e contra a guerra. Não há reação, nem terror policial e fascista capaz de destruir a consciência revolucionária e a vontade de combater da classe operária.

Evidentemente, a classe operária da Espanha luta com sucesso contra a tirania porque tem à sua frente um Partido Comunista forjado em duros combates, que luta incansavelmente e com abnegação pela unidade do proletariado, que, apesar de todas as perseguições, se mantém ligado aos trabalhadores, dirige suas lutas diárias pelas reivindicações mais imediatas e sabe ligá-las com as lutas pelas reivindicações políticas gerais contra o franquismo e contra a guerra. Esta a grande lição que nos dá o povo espanhol que confirmou com o seu heroísmo a justiça da política revolucionária e de unidade do grande Partido Comunista da Espanha e derrotou todas as manobras socialistas de direita e anarquistas que pensavam chegar ao poder pela mão dos imperialistas anglo-americanos para nele servir aos incendiários de guerra de maneira mais eficaz que o próprio Franco.

Em toda a América Latina também conhecemos semelhantes «democratas», os pretensos «oposicionistas» e «esquerdistas» que, para enganar o povo, fingem combater os ditadores na esperança de substituí-los no poder, de entregar nossos países ao imperialismo norte-americano e de avançar pelo caminho de preparação para a guerra.

Justamente por isso, não podemos deixar de ver nos violentos golpes desfechados pelo povo espanhol contra o franquismo, não só uma poderosa ajuda para a nossa luta contra as tiranias que dominam em todos os países do Continente, sob a direção dos amigos de Franco, como Laureano Gomez, Getúlio Vargas, Domingo Perón, Gonzalez Videla e tantos outros, como ainda novas armas que nos ajudam a desmascarar os politiquês udenistas, apóistas, socialistas, etc. que no Continente inteiro fingem combater os ditadores e defender as liberdades democráticas, fingem ser contra o franquismo, mas em nome do anti-comunismo sistemático apóiam a mesma política de guerra do imperialismo lanque, que é o padrão de Franco e, afinal, de todos eles.

Os povos da América Latina sentem que aumenta sua dívida para com o heróico povo espanhol. Não basta, porém, admirar e aplaudir os inéptidos lutadores de Barcelona, de Madrid, Euzkadi ou Navarra,

devemos-lhes uma solidariedade ativa e concreta. Os manifestantes de toda a Espanha constituem destacamentos avançados do poderoso e vasto campo dos partidários da paz, que lutam no mundo inteiro para fazer malograr os planos dos empreiteiros da guerra. E intensificando a nossa luta pela paz, contra as criminosas decisões tomadas na Conferência de Washington, contra a política de fome e de preparação para a guerra dos governantes traidores de nossos países que melhor apoiaremos a luta do povo espanhol.

Mas, simultaneamente, devemos exigir dos governantes latino-americanos a imediata ruptura de relações com o bandido Franco e aos embaixadores em nossos países do carasco do povo espanhol devemos levar o protesto de nossos povos contra as brutalidades fascistas, contra as torturas nas prisões e campos de concentração assim como exigir a imediata liberdade para todos os presos políticos e o respeito à vida dos valentes lutadores espanhóis.

Não nos esqueçamos igualmente da miséria abissal que reina na Espanha franquista, das mulheres e crianças que morrem de fome e de frio em todo o país e não poupemos esforços para despertar os sentimentos de solidariedade aos nossos irmãos espanhóis que nos permitam enviar a maior ajuda material e concreta de que forem capazes nossos povos.

A luta do povo espanhol é parte integrante de nossa própria luta pela paz e pela libertação nacional de nossas pátrias do jugo imperialista. O camarada Stalin já em 1936 ensinava a todos os trabalhadores, a todos os democratas e anti-fascistas de verdade que a causa da Espanha não é um assunto privado dos espanhóis, mas a causa de toda a humanidade avançada e progressista. Essa verdade continua de pé, especialmente neste momento em que o povo espanhol, honrando as tradições dos heróicos lutadores de 1936-39, e a memória dos milhares de fuzilados por Franco nos últimos doze anos, manejado todo o terror fascista, não vacila, levanta-se com audácia e indica a todos os povos como realizar na prática as diretrizes do grande Stalin:

«A paz será mantida e consolidada, se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e a defenderem até o fim».

Procurando esconder-se por trás da camuflagem da «marcha para o oeste» um dos preparativos de guerra mais visíveis em nosso país é a construção de aeroportos que cortam o Brasil Central de sudeste a noroeste. 12 gigantescas pistas em plena selva já se acham em funcionamento, disseminadas de Aragarças ao Tapajós. O último desses aeroportos recentemente entregue ao tráfego, abriu outra grande reta que vai do Rio a Miami sobre a maior região florestal da América do Sul.

Trata-se aparentemente da política de «marcha para o oeste», com a criação de novos latifúndios, o enriquecimento de aventureiros o roubo de terras aos índios, entre outras consequências das entradas em regiões desconhecidas de nosso país que nem sequer constam dos mapas. A construção dessa rede de aeroportos suprime em mais de 24 horas a ligação aérea de nosso país com os Estados Unidos e igualmente do Rio através do nordeste, com a África.

As contradições de que se apressaram a dizer os atuais diretores da Fundação Brasil Central, essas pistas não são usadas somente por aviões da FAB em vôos especiais. Mas sim pelos aviões militares norte-americanos que cruzam diariamente o nosso céu numa missão de guerra e que têm base numa zona de grande importância estratégica como é o nordeste.

A construção dos aeroportos militares na diagonal Aragarças-Tapajós para o que o Tesouro Nacional dispôs grandes somas, não passa, pois, de uma medida de guerra integrada nos planos da agressão armada norte-americana.

6101 mra oar oa rd



Voz dos Camponeses

Satiro Candido da Silva e José Felicitissimo são dois lavradores de algodão do Mirante do Paranapanema, município de Santo Anastácio.

Há perto de um mês os dois camponeses, por delegação de seus companheiros, trouxeram ao Rio um abaixo assinado de lavradores da Alta Sorocaba, contra a baixa do algodão, contendo 688 assinaturas. O abaixo assinado é dirigido ao Presidente da República e pela providências contra a presente situação em que se encontra a população da Alta Sorocaba, prejudicada com a baixa do produto.

Os dois representantes dos camponeses daquela região

paulista, não conseguiram audiência do sr. Getúlio Vargas, como sempre acontece com pessoas que vão tratar do interesse público. Tiveram seu memorial tomado por um funcionário que declarou o faria chegar às mãos do chefe do governo. Os dois lavradores em apreço vieram à redação da VOZ OPERÁRIA para nos comunicar o fato, temerosos de que o abaixo-assinado não chegue às mãos do destinatário.

Ao mesmo tempo que registra o fato, VOZ OPERÁRIA anuncia para a sua próxima edição um reportagem documentada sobre a situação dos lavradores de algodão da Alta Sorocaba.

APLAUSOS DE TRABALHADORES DA CIDADE DE RIO GRANDE

A Associação Profissional dos Trabalhadores em Serviço de Utilidade Pública de Rio Grande congratulou-se com a Mesa da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, na pessoa do Dr. José Antonio Aranha, com o vereador Bonorino Butelli, Presidente do Comitê Estadual da Paz, e com o senador Alberto Pasqualini, por se terem manifestado publicamente contra o envio de tropas para a Coréia.

Os votos de congratulação em apreço foram aprovados em reunião de assembléia geral daquela entidade. Nessa reunião de assembléia uma aumento para os trabalhadores da Prefeitura municipal na base de 40% e o abono de Família para Cr\$ 80,00, equiparados ao funcionalismo estadual.

TODA A VEZ QUE FALTA LUZ OS OPERÁRIOS SÃO DESCONTADOS

O ministro Lúcer, um dos tubarões do governo de Vargas e um dos donos da Fábrica Votorantim em São Paulo, inventa sempre novas formas de exploração dos operários que empregam a atividade nas suas fábricas.

Agora, de acordo com a Light aplica a fórmula da «falta de energia». Os operários, já às seis horas da manhã, estão sem luz. Nem podem fazer café. Isso porque os patrões alegam que a energia precisa ir para a fábrica. Mas de dia, na hora do trabalho, é comum faltar energia também e os operários são descontados porque diminui a produção.

Os operários estão revoltados e exigem que a Votorantim lhes pague o tempo que as máquinas ficam paradas. Também tem tomado vulto entre os operários a campanha por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, pois os operários sabem o que em matéria de exploração, miséria e luta a guerra significa para eles.

JOSE' EDUARDO

CLIMA DE TERRORE FASCISTA NA CIDADE DE MARÍLIA

Marília, no Estado de São Paulo, está vivendo sob um clima de terror implantado pelo delegado Donato.

O distribuidor local dos jornais populares, José Bezerra de Melo, teve há dias seu lar invadido e foi espancado e preso. Também foram presos cerca de 40 partidários da paz em toda a cidade.

A população está revoltada com o ato do delegado fascista e diz que agora compreende de que espécie é o trabalhismo de Getúlio e o progressismo de Garcez. O truculento delegado se arroga o direito de apreender os jornais populares e ameaça os patriotas que os lêem. Jornais populares e ameaça os patriotas que os lêem.

J. Lemos — Marília — São Paulo

VOZ dos LEITORES

Ludiários pela Siderúrgica Saudade Os operários de São João D'El Rey

A Siderúrgica Saudade, de Barra Mansa, é uma empresa onde os trabalhadores não têm a menor garantia de seus direitos. São explorados de forma desumana. O salário que ganham não dá nem para pagar o aluguel. Enquanto isto a empresa aumenta seus lucros fabulosos.

Agora mesmo a empresa está gastando milhões de cruzeiros na ampliação das instalações da fábrica. Não

achando operários em Barra Mansa, porque estes já conhecem a terrível exploração que reina ali, a direção da Siderúrgica Saudade mandou a São João D'El Rey o agenciador José Madruga, indivíduo com prática de enganar os trabalhadores inexperientes. Chegando em São João D'El Rey, começou a fazer promessa de toda a espécie. Para isto anunciou pelo microfone que a fábrica Saudade

estava oferecendo salário para serventes a Cr\$ 3,50 a hora só para começar, podendo aumentar até Cr\$ 6,00, e os pedreiros, outros operários qualificados de Cr\$ 6,00 para cima. Com estas promessas, a Siderúrgica Saudade, por intermédio de José Madruga, conseguiu levar para Barra Mansa 70 trabalhadores.

Chegando em Barra Mansa, no fim do mês, quando foram receber os salários, perceberam que haviam sido tapados. A empresa só pagaria Cr\$ 3,00 por hora para os operários qualificados. Aqueles que não aceitavam, a Companhia não daria nem lugar para dormir e nem comida.

Os trabalhadores protestaram, lembrando as promessas que lhes foram feitas. A muito custo a direção da empresa mandou José Madruga levá-los para almorçar na pensão. Mas quando estavam na me-

sa comendo, o dono da pensão recebeu um telefonema da Companhia, mandando suspender a hora porque a maioria dos 70 operários não se submetia ao salário de Cr\$ 3,00 horário. Neste momento, José Madruga fugiu com medo dos trabalhadores.

Sem dinheiro e com fome, os trabalhadores saíram pela cidade procurando meios de voltar à sua terra. Obrigados pela fome, 26 deles ficaram trabalhando na Siderúrgica Saudade, que é um inferno de exploração, onde se cometem crimes como estes contra os operários.

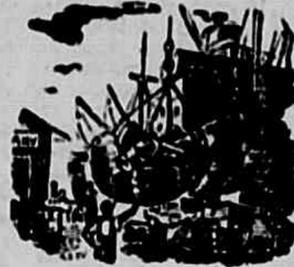
Novos e velhos trabalhadores da empresa dizem que isso representa mais uma experiência para eles e que só conseguindo uma vida melhor lutando unidos e organizados por suas reivindicações e direitos.

(Do correspondente) Barra Mansa — Estado de Rio.

MEDIDA DE GUERRA NO PORTO DE PELOTAS

Durante bastante tempo os portuários de Pelotas sofreram dificuldades por falta de trabalho, já que navios de coria cabotagem não entravam no porto.

Não há dinheiro para aprofundar o canal e construir um porto à altura das necessidades do município, mas há dinheiro para as despesas de guerra cada vez maiores.



Quando começaram a chegar navios, os portuários constataram com surpresa e indignação que os soldados da Brigada Militar estavam sendo empregados para a carga e descarga não compreendendo o alcance real dessa medida.

Agora está claro que aquela medida além de ilegal, é uma medida de guerra, um treinamento dos soldados para substituir os trabalhadores do porto quando estes se recusarem a embarcar mercadorias para a agremiação imperialista em que Getúlio se compromete contra a vontade do nosso povo.

Do correspondente (Pelotas — R. G. do Sul)

40 % DE AUMENTO NOS SALÁRIOS E 100 % NO ABONO FAMÍLIA

A CHA-SE em fase de grande atividade a Associação dos Trabalhadores em Serviços de Utilidade Pública da cidade de Rio Grande.

Sua diretoria eleita com um programa de reivindicações e de luta está cumprindo os compromissos assumidos. Dois dias depois de empossada, além de colocar-se à frente da greve dos transviários, solidarizou-se com os ferroviários gaúchos que se achavam em greve. No primeiro dia de luta, como se sabe, foram parcialmente vitoriosos os transviários de Rio Grande.

Passados dois meses, no decurso dos quais a Associação se consolidou, duplicando o número de sócios, larou uma campanha por aumento de 40%. A assembléia deu o prazo de 15 dias, que se esgotaram no dia 6 de agosto, para que fosse concedido o aumento de 40% nos salários e de 100% no abono família, equiparando-o aos funcionários estaduais.

A mesma assembléia que lançou a campanha, aprovou o apoio ao Apelo por um Pacto de Paz entre as potências e contra o envio de tropas brasileiras para qualquer ponto fora do território nacional, tendo dois trabalhadores discursado sob aplausos gerais.

No seio dos trabalhadores em serviços de utilidade pública reina grande entusiasmo pela sua causa. Acha-se organizada comissão de apoio à diretoria da Associação e a massa realiza um movimento de pressão junto aos diretores das autarquias, a fim de ver satisfeitas suas reivindicações. Os trabalhadores de Rio Grande sabem que as melhorias que têm conquistado até hoje, o foram através da luta e, por isso, reforça sua organização, ao mesmo tempo que desmascara os propositos divisionistas da reação.

JOAO AQUINO (Rio Grande — R. G. do Sul)

LUTAM PELA PAZ OS COLONOS

DA PONTE CORDEIRO DE FARIAS

O governo e as classes dominantes só fazem política contra os agricultores pobres. Veja-se o que está sucedendo com o imposto de vendas e consignações, o imposto de 9% e mais 10% sobre os 3% da chamada taxa de eletrificação. O colono trabalha meses e meses, cuida a plantação, colhe e quando vai vender o seu produto tem que pagar 3% e mais 10% sobre esses 3%. O dinheiro é logo descontado de produto vendido. Pois bem, quando o colono vai comprar o que necessita para o seu trabalho e

a sua vida, também paga o mesmo imposto. Vendendo ou comprando quem para é o colono, o sacrificado de sempre. Os tubarões e exploradores do trabalho alheio não pagam. Esta política, feita para beneficiar os exploradores e contra os colonos é típica política de guerra, pois é assim que o governo vai conseguindo dinheiro para navios de guerra, aviões, bombas, todas as armas de destruição para

ADAO SILVA (Rio Grande do Sul)

vida de VOZ OPERÁRIA

Nossa agência de Itaboraí, Bahia, atravessou um período de sérias dificuldades. As contas se acumulavam, o débito cresceu. Encarado o problema com responsabilidade, foi dada uma virada. Organizaram-se comissões em cada cidade e se comandou a cidade e os arredores. O povo recebeu bem a VOZ, como sempre. Quando não tinha dinheiro para o café, pão, ovos, garrafas vazias, que, transformados em dinheiro tornavam possível liquidar o débito com a Matriz. Os comandos alcançaram pleno êxito: fez-se a difusão de todas as cotas insufladas e foi liquidado o débito.

Em Ilheus a situação não era melhor. Um esforço bem orientado deu como resultado o pagamento integral do débito e o aumento de 50% de cota.

Outra experiência digna de registro é a do nosso agente em Alfredo Maia, D.F. Perseverantemente esse nosso amigo vem elevando o nível de difusão da VOZ entre os ferroviários. Iniciou sua agência com bem poucos exemplares e hoje vende quase sete vezes mais. De que recursos se serviu esse amigo da VOZ? Recordava as matérias de mais importância e colava nas paredes. O método despertou interesse, principalmente, nas edições especiais e cores. Rara era a semana em que não conquistava mais um leitor. Uma boa experiência.

Os jovens de Niterói não ficaram atrás. Aumentaram sua cota em 100%. Como? Discutiram, examinaram todos os membros de sua equipe disponível de uma cota de VOZ para difusão. Diante dos resultados a que chegaram, planejaram melhor a distribuição da cota. A palavra de ordem era e é esta: Ninguém sem a sua cota de VOZ OPERÁRIA. Resultado: 100% de aumento.

São, realmente, excelentes experiências, que somadas às de Macció e Pelotas, e de tantas outras agências da VOZ, MERECEM ser valorizadas e seguidas por todos os que querem o progresso do nosso jornal e se encarregam de sua divulgação. A esses agentes da VOZ acata de conferir um



Novo brinde em obras edificadas.

Novas agências e agências restabelecidas

São Paulo retoma um ritmo eminentemente construtivo, criando novas agências da VOZ nas seguintes cidades: Jales, Santo Anastácio, Jacupiranga, Populina, América, Campos Balsamo, Potência, Ba, Canindé, Corredeira, Serra Negra, Gracianópolis, Presidente Alvez, Guataporã e Santa Cruz dos Passos, e restabelecendo a de Votuporanga e Morro Agudo.

Além dessas, foram criadas mais as seguintes: Barcelos, no Estado do Rio; 7 Lagoas, Teófilo Ottoni e Corinto, em Minas; Aragarças, em Goiás; e Itapebí, na Bahia. Foram restabelecidas, ainda, as de Diamantina, Araruama e Mediana, em Minas e Campina Grande, na Paraíba.

Como uma nota dissonante temos que registrar as seguintes diminuições de cotas: Distribuidora Tocantins, Goiânia, em 50% e Uberava em 35%.

FUNDAMENTOS

DEDICADO principalmente ao cinema nacional, as realidades e possibilidades, está circulando o número 3 de «Fundamentos» revista fundada por Monteiro Lobato e dirigida pelo jornalista Rui Barbosa Cardoso. O presente número de «Fundamentos» trás em suas colunas o importante discurso do famoso cineasta soviético Pudovkin, pronunciado no Congresso de Perugia, que interessa a todos os artistas pelos conceitos sobre a estética socialista nele emitidos. Um artigo de Alexei Tolstói sobre Gorki, o ensaio de Jacobo Berman «Infraestruturas, Superestruturas e Luta Ideológica», enquetes e artigos sobre problemas do cinema nacional em face dos trusts e da ascensão imperialista.

«Fundamentos» dedica a sua página central à campanha por um Pacto de Paz entre as 5 potências, divulgando ao lado do texto do histórico documento do Conselho Mundial da Paz declarações e nomes de conhecidas personalidades das letras e artes que subscreveram o Apelo.

A URSS PROPÕE...

(Conclusão da 1.ª pag.)

Na sua mensagem premissa o desenvolvimento das relações políticas, econômicas e culturais e relações entre os povos baseados na igualdade de direitos. É indubitável também que a eliminação de toda e qualquer discriminação por parte dos poderes constituídos americanos em relação à URSS deve ser um importantíssimo passo neste caminho.

O dever dos povos que amam a paz consiste em realizar inflexivelmente a política para conjurar a guerra e manter a paz, não permitir a corrida aos armamentos, reivindicar a redução dos armamentos, a proibição da arma atômica estabelecendo o controle sobre o cumprimento dessa proibição e cooperar para a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências para o reforçamento da paz. A conclusão de tal pacto teria um significado excepcionalmente importante para melhorar as relações soviético-americanas e reforçar a paz entre os povos. Tal pacto fortalecerá a confiança de todos os povos na manutenção da paz e dará, ao mesmo tempo, a possibilidade de reduzir os armamentos, diminuindo as despesas de guerra que representam pesada carga sobre os ombros dos povos. Na realização dessas medidas o povo americano encontrará sempre a plena simpatia do novo soviético que defende invariavelmente a causa da paz.

Confiar em que o texto da resolução do Presidium do Soviet Supremo da URSS seja levado ao conhecimento do povo americano. Aproveite a ocasião para transmitir, por seu intermédio, ao povo americano as minhas saudações e os melhores cumprimentos dos povos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

(A.) — Nicolau Schvernik
— Presidente do Presidium do Soviet Supremo da URSS. Em 6 de agosto de 1951.

Nota da Redação — Na página central publicamos a íntegra da Resolução do Presidium do Soviet Supremo da U.R.S.S.

A Resposta do "Pravda" ...

(Conclusão da pág. 2)

mente o seu exército tampouco são afirmações verdadeiras. Já foi oficialmente declarado pelo governo soviético que foram desmobilizados os contingentes relativos a 32 licenciamentos e que seu exército é, no momento atual, por seu tamanho, igual ao do período de paz anterior à segunda guerra mundial, e que, pelo contrário, os exércitos da Inglaterra e dos Estados Unidos são, pelo seu tamanho, duas vezes maiores do que antes da segunda guerra mundial. No entanto, em face dos fatos irrefutáveis, o sr. Morrison queria que a URSS não tivesse um exército suficiente para sua defesa. Um exército representa, em geral, uma grande carga para o orçamento do Estado. Os cidadãos soviéticos acelaríamos com satisfação a supressão do exército regular se não existissem ameaças do exterior. Mas a experiência de 1918-1920, quando a Inglaterra, os Estados Unidos e a França, conjuntamente com os japoneses, agrediram a URSS e tentaram apoderar-se da Ucrânia, do Cáucaso, da Ásia Central, do Extremo Oriente e da região de Arkangelak, martirizando nosso país durante três anos, nos ensinou que a URSS deve ter um exército regular mínimo, indispensável para defender a sua independência em face dos agressores imperialistas. Jamais houve caso algum na história em que os russos tenham atacado a Inglaterra. Mas a história conhece uma série de casos em que a Inglaterra atacou e ocupou o território russo.

Morrison afirma que os russos se negaram a colaborar com os ingleses nos problemas da recuperação da Europa. Isto é uma pura mentira. É pouco provável que Morrison acredite em suas próprias declarações. Na realidade, como se sabe, não foram os russos que negaram a colaboração, mas sim os ingleses e americanos, pois sabiam que os russos não aceitariam o restabelecimento do fascismo na Alemanha e a transformação da Alemanha Ocidental numa base de agressão.

No que se refere à colaboração na tarefa do restabelecimento econômico da Europa, a URSS não se negou a dar sua colaboração. Pelo contrário, ela mesma propôs realizá-lo na base dos princípios de igualdade de direitos e de respeito à soberania dos países europeus, sem qualquer imposição do exterior, sem a imposição dos Estados Unidos, sem a escravização dos países da Europa pelos Estados Unidos da América.

QUEM FAZ DA VIOLENCIA UM METODO DE AÇÃO?

Carece igualmente de fundamento a declaração de Morrison de que os comunistas chegaram ao Poder nos países da Democracia Popular através da violência e que o Cominform se dedica à propagação da ação violenta. Só pessoas que se impuseram o objetivo de difamar os comunistas podem fazer afirmações semelhantes. Na realidade, como se sabe, os comunistas chegaram ao Poder nos países da Democracia Popular através de eleições gerais. Naturalmente, os povos desses países lançaram pela porta afóra os exploradores e toda espécie de agentes de espionagem estrangeira. Mas esta é a vontade do povo: a voz do povo é a voz de Deus.

No que se refere ao Cominform, só pessoas que

perderam toda noção de medida podem afirmar que ele se dedica à propagação da ação violenta. A literatura do Cominform tem sido e continua sendo publicada. Essa literatura é conhecida por todo o mundo e de maneira as invencionices caluniosas contra os comunistas.

Em geral, é necessário dizer que as medidas de violência e de ação violenta não é método dos comunistas. Pelo contrário, a história indica que são precisamente os inimigos do comunismo e toda espécie de agentes de espionagem estrangeira que praticam medidas de violência e de ação violenta. Não é preciso ir muito longe para encontrar exemplos. Recentemente foram assassinados o primeiro ministro do Irã, o primeiro ministro do Líbano e até o rei da Transjordânia. Todos esses assassinatos foram cometidos com o fim de mudar pela violência o regime nesses países. Quem cometeu esses assassinatos? Foram, por acaso, os comunistas? Os partidos do Cominform? Isto não é verdade e é até ridículo fazer essas perguntas. Talvez o sr. Morrison, como pessoa bem informada, nos ajude a compreender esses assassinatos...

O PACTO DO ATLANTICO, PACTO DE AGRESSÃO

O sr. Morrison afirma que o Pacto do Atlantico é um pacto defensivo, que não visa a objetivos de agressão

e que, pelo contrário, é dirigido contra a agressão. Se é assim, por que os iniciadores do Pacto não convidaram a URSS a tomar parte nele? Por se isolaram da URSS? Por que o concluíram às escondidas da URSS? Acaso a URSS não provou seu desejo de lutar contra a agressão, como, por exemplo, contra os hitleristas e os japoneses? Acaso a URSS não deseja lutar contra a agressão tanto como, digamos, a Noruega, que, é participante do referido Pacto? Como explicar esse absurdo surpreendente, para não dizer outra coisa? Se o Pacto do Atlantico é defensivo, por que a Inglaterra e os Estados Unidos não concordam com a proposta do governo soviético de discutir o caráter deste Pacto no Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros? Como é sabido, o governo soviético propôs discutir no Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros todos os pactos por ele concluídos com outros países. Por que, então, os ingleses e americanos temem dizer a verdade sobre esse Pacto e se negam a discutí-lo? Não será porque o Pacto do Atlantico contém cláusulas sobre agressão contra a URSS e os iniciadores desse Pacto se vêm obrigados a ocultar isso à opinião pública? Não será porque o trabalhista concordou em transformar a Inglaterra em base militar aérea dos Estados Unidos para atacar a URSS?

OS DIRIGENTES BRITANICOS, ATEADORES DE NOVA GUERRA MUNDIAL?

Eis porque os cidadãos soviéticos qualificam o Pacto do Atlantico como um pacto agressivo contra a URSS. Isto se vê com particular evidência através da ação agressiva dos círculos governantes americanos na Coreia. Há mais de um ano as tropas americanas e inglesas martirizam o povo pacífico da Coreia, que ama a liberdade, e destroem cidades, vilas e aldeias coreanas, assassinando mulheres, crianças e velhos. Acaso poderá ser chamado de defesa esta ação sanguinária realizada pelas tropas anglo-americanas? Quem pode afirmar que as tropas inglesas na Coreia defendem a Inglaterra contra o povo coreano? Não será mais honrado qualificar essas ações de agressão militar? Que Morrison assinale um único soldado soviético que tenha descarregado sua arma contra qualquer povo pacífico. Tal soldado soviético não existe. Mas que Morrison explique, se puder, por que os soldados ingleses morrem longe de sua pátria, em terras estranhas.

Eis porque os cidadãos soviéticos consideram os atuais dirigentes americanos e ingleses como ateadores de uma nova guerra mundial.

— ★ —
NOTA: Os sub-títulos da matéria são de nossa redação — VOZ OPERÁRIA

Resolução do Presidium...

(Conclusão da pág. Central)

URSS a Câmara de Representantes dos Estados Unidos aprovou uma nova lei na qual sob pretexto de impedir o fornecimento de materiais estratégicos, prevê medidas tendentes a fazer cessar o comércio com a URSS e com os países que mantêm uma atitude de amizade em relação com a URSS.

As supracitadas medidas de discriminação na esfera do comércio conduziram a que a permuta de mercadorias entre a URSS e os Estados Unidos nos últimos cinco anos, a partir de 1946, se tenha reduzido em mais de seis vezes e chegado a um nível insignificante.

Assim, pois, todos esses fatos demonstraram que os órgãos do poder dos Estados Unidos realizam uma política de discriminação em relação à URSS e criam barreiras artificiais que impedem as relações livres entre os povos soviético e americano e separam os nossos países um do outro. Surge a pergunta evidente: como conciliar as supracitadas ações realizadas pelas autoridades americanas com a declaração do Congresso dos Estados Unidos contida na resolução sobre a necessidade de eliminar as barreiras nas relações entre os povos de ambos os países?

O povo soviético não duvida de que o povo americano não quer guerra, assim como todos os demais povos. No entanto, como a história demonstra, nem sempre os problemas da paz e da guerra são resolvidos pelos povos. As declarações de muitos representantes responsáveis do governo, assim como de membros do Congresso dos Estados Unidos contêm citações diretas ao desencorajamento de uma guerra agressiva contra os povos da URSS e a emprego de armas de extermínio em massa da população civil. Tais declarações que contradizem os interesses dos povos e da moral humana deveriam ser

citadas e condenadas por parte do Congresso dos Estados Unidos.

3 O governo dos Estados Unidos da América é iniciador da criação da agressiva União do Atlantico Norte, dirigida, como se sabe, contra a URSS. O governo norte-americano criou uma ampla rede de bases militares em territórios alheios, o mais perigoso possível das fronteiras da URSS e, violando obrigações assumidas, leva a cabo a ramificação da Alemanha ocidental e faz surgir o militarismo japonês. Paralelamente a isto, nos Estados Unidos da América é realizado um programa gigantesco de armamento. O governo dos Estados Unidos tem rejeitado invariavelmente as propostas feitas pelo governo soviético tendentes a consolidar a paz e a segurança internacional. Deste modo, ainda não foi conseguido acordo para a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, para a proibição da arma atômica e o estabelecimento do controle para o cumprimento dessa proibição, assim como não foi conseguido acordo para a redução dos armamentos e das forças armadas.

A resolução do Congresso americano aventa a idéia de que presentemente está aberto o caminho para o emprego da energia atômica com objetivos pacíficos. Contudo, não resta dúvida de que só depois da proibição da arma atômica, poderá ser utilizada efetivamente a energia atômica com objetivos pacíficos para o bem do povo.

Os povos soviéticos vencem-se diariamente de que a política e as ações do governo dos Estados Unidos divergem das suas declarações verbais sobre a manutenção da paz, assim como divergem da aspiração de paz do povo americano e criam condições para o agravamento ulterior das relações com a URSS, apesar de que os Estados Unidos não foram

nem serão ameaçados por perigo algum por parte da URSS.

4 Como se compreende, a mensagem do Congresso dos Estados Unidos ao povo soviético deve ser compreendida por fatos, assim como o seu apelo para o robustecimento das relações de amizade entre os Estados Unidos e a URSS.

No entanto, a mensagem de palavras exortando a cooperação e melhoria das relações entre a URSS e os Estados Unidos e a causa da consolidação da paz internacional só podem ter resultados positivos caso as palavras não divirtam da política e das ações do governo dos Estados Unidos. Mas, já que o Congresso dos Estados Unidos declara que busca o caminho para melhorar as relações com a URSS, não deve duvidar que essa aspiração está de acordo com as aspirações de paz do povo soviético e da política de paz da URSS.

O Presidium do Soviet Supremo da URSS considera que a eliminação da discriminação em relação à URSS em todas as esferas das relações internacionais que impedem as relações normais entre os povos poderia ser um dos mais importantes passos neste caminho.

A conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências no qual outros Estados que aspiram à consolidação da Paz poderiam aderir, poderia ser um passo ainda mais importante na causa da melhoria das relações entre nossos povos.

O Presidium do Soviet Supremo da URSS não duvida de que todos os povos que aspiram a consolidação da paz acolheriam com a maior satisfação e conclusão de tal pacto.

O Presidium do Soviet Supremo da URSS manifesta a esperança de que o Congresso dos Estados Unidos levante a presente resolução ao conhecimento do povo americano.



EE.UU.
Estão sendo estas últimas negociações em Washington, no sentido de criar um novo pacto de agressão. Trata-se do Pacto de Mediterrâneo, no qual figurariam a Espanha, Grécia, Turquia, África do Norte e provavelmente a Inglaterra.

CIVIL
Transformou-se em greve total, com duração indeterminada, a greve parcial de greve chada pelos trabalhadores das minas de carvão «Schwager» Declararam-se em greve igualmente, os funcionários dos bancos de Londres e América do Sul, exigindo melhoria de salários.

PANAMA
No Panamá, ocorreu no dia 10 de julho uma grande manifestação popular contra a carestia da vida, desfilando-se como ponto alto o desfile, pela Av. Central, de mais de 10 mil manifestantes. Triunfo de duas organizações políticas progressistas, sindicatos, organizações civis, estudantes, estudantes e donas de casa participaram das manifestações.

CONTINUA O MASSACRE

Um simples fato demonstra todo o caráter de crueldade dos imperialistas norte-americanos na Coreia. Enquanto se realizam as conversações de armistício em Kaesong, os odiados agressores do povo coreano continuam a despejar toneladas e toneladas de bombas explosivas e incendiárias sobre as populações pacíficas. A cidade de Piong-Yang é o alvo predileto dos invasores. Depois de um ano de guerra tendo estado já nas mãos dos americanos, ninguém acredita que ainda possam existir objetivos militares em Piong-Yang. No entanto, o comando americano anuncia quase diariamente um novo ataque aéreo contra a Capital em ruínas da República Democrática e Popular da Coreia.

Em consequência, existem na cidade novos mortos e feridos entre a população civil, velhos, mulheres e crianças, uma vez que todos os homens válidos se encontram na frente de batalha. Isto há mais de um ano. E o que acontece a Piong-Yang aconteceu e acontece com todas as cidades, vilas e aldeias da Coreia. É uma guerra de monstros contra um povo pacífico que jamais constituiu ameaça a quem quer que seja.

O que fazem hoje na Coreia, podem os carrascos imperialistas de Truman por em prática contra qualquer povo. E o bombardeio de populações pacíficas, sendo embora um crime de mais amplas proporções, não é o único da própria Coreia, os americanos não têm poupa-

do-as vivas violentando moças, enforcando velhos, num requinte de selvageria que ultrapassasse tudo quanto se conhece sobre os crimes dos carnisais de Hitler.

300 MIL TEXTEIS NO BRASIL

Um Exército de Explorados Que Tem Nas Mãos o Futuro

★ ★ ★ ★ ★
COMO VOCE É Explorado

O BRASIL possui mais de um milhão de operários industriais. Deste total, 30 por cento trabalham na indústria têxtil.

E, assim, um poderoso exército a disposição dos patrões; mais de 300 mil trabalhadores, isto é, um contingente quase três vezes maior que o atual exército brasileiro.

QUANTAS FABRICAS? QUANTOS PATRÕES?

Os têxteis estão distribuídos por 2.212 fábricas do gênero, na maioria dos Estados brasileiros.

Considerando para cada fábrica um proprietário diferente, há na indústria têxtil uma média de 140 operários para cada empregador. A verdade é que um pequeno número de proprietários empregam 307.852 operários têxteis.

Que relações existem entre os têxteis e seus patrões?

A principal é a seguinte: os operários põem as fábricas em funcionamento, tocam as máquinas, preparam os fios, produzem o pano e beneficiam — criam como o suor de seu rosto, e não somente com o suor mas também com o sangue que deram nos acidentes de trabalho, com a saúde que vão deixando dentro da fábrica, uma considerável riqueza, avaliada no preço dos milhões de metros de tecidos que preparam e tecem.

E os patrões? Os patrões alugam por um salário a capacidade de trabalho do operário, o suor, as energias, o sangue, a saúde que dependem no serviço da fábrica. Depois, ficam com o que produziram os operários. Muitas vezes o têxtil nem conhece o patrão: nunca o viu, não sabe se é magro ou gordo, alto ou baixo, nunca ouviu sua voz. Mas é este patrão que fica com o resultado de seu trabalho.

EM SÃO PAULO, MAIS DE 50% DOS TEXTEIS

Mais de 50% do proletariado têxtil concentra-se em São Paulo, onde trabalham 169.793 operários em 1.367 fábricas de tecidos. Só na Capital paulista funcionam 1.056 fábricas de fiação e tecelagem, com um total de 94 mil operários. Seguem-se a São Paulo, o Distrito Federal, com perto de 30 mil tecelões, Pernambuco, com 30.457 e Estado do Rio, com cerca de 22 mil.

OS MAIS BAIXOS SALÁRIOS

Os salários dos têxteis são dos mais baixos que se pagam na indústria. Em 1948, por exemplo, segundo um censo de IAPI, cerca de 90% dos têxteis ganhavam salários inferiores a 1.000 cruzeiros. O salário médio não chegava a 600 cruzeiros mensais. Desde então, os têxteis conseguiram em vários Estados, através de suas lutas, especialmente de movimentos grevistas, um aumento de cerca de 40% nos salários antigos, mas geralmente sujeito à obrigatoriedade da assiduidade total. Quer dizer que, na realidade, levando-se em conta as inúmeras multas impostas pelos pa-

UM PUNHADO DE CAPITALISTAS — OS DONOS DE 2.212 FABRICAS — EXPLORAM IMPIEDOSAMENTE UM CONTINGENTE DE TRABALHADORES QUASE TRÊS VEZES MAIOR QUE OS EFETIVOS DO EXERCÍTO. OS MAIS BAIXOS SALÁRIOS DA INDÚSTRIA. MULHERES E MENORES REPRESENTAM MAIS DE 60% DO PROLETARIADO TÊXTEL. VIDAS QUE FICAM E CORPOS QUE SE MUTILAM NAS FABRICAS. SOBRE A MISÉRIA DOS TRABALHADORES CRESCEM OS LUCROS DOS CAPITALISTAS. UMA ADVERTÊNCIA E UM APELO DE PRESTES QUE APONTA O CAMINHO

trões e os descontos por falta de assiduidade com porcento, o aumento verificado nesses três últimos anos é bem inferior a 40%. Bem inferior ao aumento do custo de vida, que se tem realmente elevado numa média de 30 e 40 por cento, anualmente.

Hoje, no Rio e em São Paulo, o salário médio dos têxteis não ultrapassa de 800 cruzeiros mensais. Nos Estados do Norte e Nordeste, não chega a 500 cruzeiros.

EXPLORAÇÃO DO TRABALHO DE MULHERES E MENORES

É na indústria têxtil onde é maior, mais generalizada e brutal a exploração do trabalho das mulheres e dos menores. Dos 307.852 têxteis recensados em 1948 pelo IAPI, 182.145, isto é, mais da metade, eram do sexo feminino. E cerca de 50 por cento das operárias e operários das fábricas de tecidos eram menores de 18 anos. Nesses últimos anos houve um aumento do número de mulheres e menores na indústria de fiação e tecelagem.

Por que os patrões procuram aumentar o número de mulheres e menores em suas fábricas?

Porque assim acumulam maiores lucros. As mulheres e os menores fazem os mesmos serviços que os homens. E ganham salários muito mais baixos. Nenhuma tecelã, por exemplo, conseguiu até agora, mesmo trabalhando horas extraordinárias, mesmo tocando diversos teares — dois, três e até quatro — tirar um salário mensal superior a Cr\$ 1.300,00. Quanto aos menores, a situação é mais clamorosa. Trabalham, como os adultos, até 10 e 12 horas diárias, inclusive em turnos da noite. Seus salários em geral, mesmo em São Paulo e no Distrito Federal, não ultrapassam de Cr\$ 2,50 por hora. Na Bahia é de 10 a 12 cruzeiros por dia.

VIDAS QUE FICAM E CORPOS QUE SE MUTILAM NAS FABRICAS

Aconteceu há algumas semanas e comoveu, enchendo-o de revolta, o proletariado paulista. Na fábrica «Kyrakos Saad», no Ipiranga, explodiu um tambor de gasolina, colocado indevidamente numa das seções. Imediatamente foram atingidas 10 operárias que all trabalhavam — a maioria jovens, ainda crianças de 12 a 15 anos de idade. As jovens foram queimadas, transformadas em verdadeiras tochas humanas. Uma, Inez Nocette, de 12 anos, morreu logo no dia seguinte. Queimaduras deformantes ficaram a marcar as pernas os braços, os rostos das nove que sobreviveram. Nove operárias que deixam na fábrica sua beleza juvenil, que

se deformaram, para que os cofres dos patrões não parem de se encher de cruzeiros.

Há pouco tempo na fábrica «Confiança», no Distrito Federal, a polia de uma máquina arrancava o braço e a cabeça de um tecelão. E os acidentes de menor gravidade, mas que inutilizam para sempre os trabalhadores, e de que só os operários da fábrica tomam conhecimento, porque não chegam ao noticiário dos jornais? Estes são aos milhares — pode-se dizer que seu número é maior que o próprio número de trabalhadores. Não é exagero. Segundo as companhias de seguro, numa fábrica de 2.070 operários, em São Paulo, ocorre uma média anual de 4.100 acidentes! E o sangue gotejante da classe operária que nutre a fortuna dos Matarazzo, dos Jaffet, dos Lâfer, dos Guilherme da Silveira, dos Seabra e Rocha Faria.

E DEPOIS, OS ORFÃOS E OS INVALIDOS SÃO LARGADOS NA MISÉRIA

E depois? Alguns casos concretos dizem o que valem as indenizações e aposentadorias. Na fábrica São Luiz Durao,



nesta capital, a operária Rosa perdeu a mão no tear. Joãozinho também cortou a mão num acidente da fábrica e Murilo perdeu todo o braço. Rosa, Joãozinho e Murilo não puderam viver só da indenização. Os dois sem a mão, o outro sem o braço, para não morrerem de fome tiveram que voltar ao trabalho na mesma fábrica que já arrancou parte de seus corpos.

E CRESCER A EXPLORAÇÃO

Os capitalistas são insaciáveis. Querem mais lucros, sempre mais lucros. Para obtê-los procuram baratear cada vez mais o «custo de produção», mesmo que tenham de assassinar os operários tornando cada vez mais inseguras e penosas as condições de trabalho. Baratear a produção para o capitalista, é também reduzir, por todas as formas, os salários dos operários, aumentar sempre a grau de exploração da classe operária.

É o que acontece nas fábricas de tecidos onde as formas de exploração se multiplicam. Por exemplo, particularmente em São Paulo, a indústria têxtil está traba-

lhando em ritmo acelerado, tendo em vista a perspectiva de guerra — desta guerra tão desejada pelos grandes capitalistas para obterem maiores lucros. Duas ou três turmas de operários se revezam nas fábricas, dia e noite. As máquinas só param para limpeza ou conserto. Os patrões exigem o aumento da jornada de trabalho. Em lugar de 8 horas, os têxteis trabalham 10, 12 e até 16 horas. Ganham um pouco mais de salário, mas arruinam mais depressa a saúde. Os patrões, entretanto, têm seus lucros fortemente acrescidos com estas horas extraordinárias de trabalho. E não de pendem, para isso, sequer uma gota de suor.

Os patrões exigem que os próprios operários façam a limpeza das máquinas. E não pagam o tempo em que os trabalhadores se ocupam neste serviço — tempo que corresponde, aproximadamente, a 1 hora diária de trabalho ou ao salário de um dia durante a semana.

Os patrões ampliam o sistema de multas. Descontam nos salários qualquer imperfeição, qualquer falha apresentada no tecido fabricado pelo operário. Quase sempre estas faltas se devem à qualidade do fio ou à deficiência das máquinas.

Com os lucros arrancados do trabalho dos próprios operários os grandes industriais introduzem novas máquinas. Obrigam os operários a trabalhar com maior número de teares. Assim, aumenta os gastos de energia física do tecelão e aumenta a produção que ele dá ao patrão. Mas seu salário só cresce numa proporção ridícula. A parte do leão deste aumento da produtividade fica em mãos dos capitalistas.

Os patrões e seu governo — tanto o governo de Dutra como o de Getúlio — estabelecem o roubo da assiduidade de cem por cento. Se o operário falta um dia de trabalho ao serviço ou se chega à fábrica com um minuto de atraso perde o direito ao repouso remunerado, perde os abonos e até as percentagens de aumento de salários que conquistou. E há ainda o roubo do imposto sindical, que leva anualmente um dia de salário do operário, para manter a máquina policial do governo estrangulando os sindicatos.

É um verdadeiro rosário de crimes contra os trabalhadores a vida diária numa fábrica de tecidos.

SOBRE A MISÉRIA DOS TRABALHADORES CRESCEM OS LUCROS DOS CAPITALISTAS

É assim que os lucros dos patrões se tornam dia a dia maiores. A revista «Conjuntura Econômica» revela, por exemplo, que a média de lucros sobre o capital obtidos pelas empresas têxteis foi de 33,9% em 1950, quando em 1949 foram de 24,6%. Mas, este é ainda o cálculo de lucros apresentado pelos próprios capitalistas. Na realidade são eles muito maiores, pois os capi-

talistas não contam como lucro o dinheiro que aplicam para o reequipamento da própria indústria. Esperando produzir para a guerra nos últimos anos têm sido enormes as compras de novas máquinas pelos industriais de tecidos. Basta dizer, que, de 1941 até o fim do ano passado, o valor dos tecidos importados anualmente passou de 2 milhões e 400 mil cruzeiros para 64 milhões e 300 mil cruzeiros.



OUVI O APELO DE PRESTES

Há um ano, a 1º de Agosto de 1950, Luiz Carlos Prestes lançou um Manifesto mostrando aos trabalhadores e a todo o povo que esta situação de exploração, de opressão e de miséria em que vivem os têxteis — e não só eles, mas todos os operários e camponeses — não se modificaria com a subida de Getúlio ou de outro qualquer representante dos grandes capitalistas e dos grandes fazendeiros. Só a classe operária, — dizia Prestes — ao lado dos camponeses, dos soldados e marinheiros, do funcionalismo pobre, dos intelectuais progressistas, pelas suas reivindicações imediatas e pela derrubada do governo dos capitalistas e latifundiários, por um governo de Democracia Popular, poderia dar solução aos problemas dos trabalhadores e de todo o nosso povo.

Há seis meses Getúlio está no Poder — mas nada se modificou para a classe operária. Apenas aumentou sobre ela a exploração dos capitalistas. Isto confirma a advertência de Prestes. Isto mostra que os trabalhadores — os têxteis e os de todas as demais corporações — precisam levar à prática este apelo do Cavaleiro da Esperança:

«OPERÁRIOS! Organizei vossas forças nos locais de trabalho e unifiquei vossas fileiras em âmbito local, regional e nacional. Lutei contra a carência da vida, por maiores salários, contra a assiduidade de 100 por cento, que diminui arbitrariamente e brutalmente os salários. Vossas mulheres e filhos não podem morrer de fome para que enriqueçam os patrões e o governo consiga dinheiro para a guerra. Defendei na prática o direito de greve e lutei pelas liberdades civis, pela liberdade sindical, contra o roubo do imposto sindical que engorda os trabalhadores da classe operária. Lutei pela paz e a independência nacional!»

EM 1949, os lucros líquidos das cinco maiores fábricas de tecidos do Distrito Federal — fábricas «Deodoro Industriais», «Corcovados», «Nova América», «Progresso Industrial» e «América Fabril» foram, conjuntamente, de 212 milhões e 167 mil cruzeiros.

Meia dúzia de capitalistas, o Guilherme da Silveira, os Miranda Vaiverde e Grimaldi Seabra, os Rocha Faria e Lartigau Seabra, os Rocha Vaz e Bebiano Martins ganharam num ano quase três vezes mais que os salários recebidos no mesmo ano por todos os 18.000 operários que trabalham nessas cinco empresas. Meia dúzia de capitalistas tiveram um lucro líquido anual de 212 milhões de cruzeiros; os 18.000 têxteis tiveram durante o ano um total de salários de 97 milhões de cruzeiros, o que dá uma média de apenas 5 mil cruzeiros para cada um, durante o ano.

CADA OPERÁRIO QUE OBTVE EM MÉDIA UM SALÁRIO ANUAL DE 5 MIL CRUZEIROS, DEU UM LUCRO DE 11 MIL CRUZEIROS PARA O PATRÃO!

A Companhia Manufatura Fluminense de Tecidos, em Niterói, obteve, explorando 2.100 operários, um lucro líquido de quase 20 milhões de cruzeiros.

OS PATRÕES EXTRAÍRAM DO TRABALHO DE CADA OPERÁRIO, CUJO SALÁRIO MÉDIO NÃO PASSA DE 700 CRUZEIROS MENSUAIS, UM LUCRO LÍQUIDO DE 9 MIL CRUZEIROS.

A Fiação, Tecelagem e Estamparia Jaffet, pertencente ao tubarão Jaffet, a quem Getúlio entregou o Banco do Brasil obteve um lucro líquido, em 1950, de 30 milhões de cruzeiros, explorando 4.500 operários.

O TUBARÃO JAFFET ARRANCOU DE CADA UM DOS OPERÁRIOS UM LUCRO LÍQUIDO DE PERTO DE 7 MIL CRUZEIROS ANUAIS.

VOZ OPERÁRIA